

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

ELAINE CRISTINA SILVA SANTOS

*Gramaticalização de verbos:
o verbo 'esperar' no Português Culto de São Paulo*

São Paulo

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

*Gramaticalização de verbos:
o verbo 'esperar' no Português Culto de São Paulo*

Elaine Cristina Silva Santos

Dissertação apresentada ao Programa de Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção de título de Mestre em Letras.

Orientador(a): Prof^ª Dr^ª Maria Célia Pereira Lima-Hernandes.

São Paulo

2009

ELAINE CRISTINA SILVA SANTOS

**Gramaticalização de verbos:
o verbo ‘esperar’ no Português Culto de São Paulo**

Data de Aprovação: 06 de maio de 2009

Banca Examinadora do Exame de Mestrado

*Prof^a. Dr^a. Maria Célia Lima-Hernandes
(Universidade de São Paulo)*

*Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia C. V. O. Andrade
(Universidade de São Paulo)*

*Prof^a. Dr^a. Denise Porto Cardoso
(Universidade Federal de Sergipe)*

*A meus pais, Jailton e Carmem,
à Denison e Louise.*

*“Esperei confiantemente no Senhor,
“Ele se inclinou para mim e ouviu o meu clamor.”*

AGRADECIMENTOS

A Deus, acima de tudo, por ter-me dado bênçãos infindáveis, sem o menor merecimento.

À Professora Doutora Maria Célia, pela escolha, pela orientação, pelo apoio, pelos incentivos e pela paciência em *Esperar* uma gestação.

À Professora Doutora Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade pela leitura e participação na banca de Mestrado.

À Professora Doutora Denise Porto Cardoso pelo pronto – atendimento e leitura da dissertação, como também a participação na banca de Mestrado.

Aos meus pais, por sempre acreditarem num potencial, que talvez só exista para eles.

Ao meu esposo Denison, pelo afeto e paciência e, por que não dizer também, pela ajuda e sugestões acerca do que pesquisar (embora sejamos de áreas muito distintas!)

À Louise, meu bem maior, mais precioso, por não chorar enquanto a mamãe se debruçava na escrita e nas várias reescritas desta dissertação.

Aos amigos de pós-graduação, pelo apoio, carinho e esclarecimentos na hora da dúvida.

À amiga Fernanda, mesmo à distância, no *messenger*, debatendo e discutindo sobre gramaticalização.

À amiga Érica, por torcer por mim sempre.

À minha família, de uma maneira geral e, principalmente, à Laerto e à minha tia Ana por acreditarem em mim (e até exagerarem às vezes!)

À Fapesp, pelo apoio financeiro.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	9
RESUMO	10
ABSTRACT	11
INTRODUÇÃO	12

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
1– O FUNCIONALISMO EM LINGÜÍSTICA	14
1.1 – FUNCIONALIDADE NA LÍNGUA	14
1.2 – A TEORIA FUNCIONALISTA	18
2 – GRAMATICALIZAÇÃO	22
2.1 – UNIDIRECIONALIDADE NA GRAMATICALIZAÇÃO	29
2.2 – GRAMATICALIZAÇÃO DE VERBOS	31

CAPÍTULO II

ASPECTOS METODOLÓGICOS	43
2.1 – REUNINDO UM <i>CORPUS</i>: A COMPOSIÇÃO DAS AMOSTRAS	43
2.2 – IDENTIFICANDO E SELECIONANDO OS DADOS	48

2.3 – O ESTUDO-PILOTO COM O DIALETO CARIOCA	49
--	-----------

CAPÍTULO III

PECULIARIDADES ETIMOLÓGICAS E DISCURSIVAS DO ITEM ESPERAR	59
--	-----------

3.1 – PRINCÍPIO DA ESTRATIFICAÇÃO – IDENTIFICANDO REGRAS VARIÁVEIS?	62
--	-----------

3.2 – ESTATUTO DISCURSIVO	64
----------------------------------	-----------

CAPÍTULO IV

O VERBO ESPERAR NO PORTUGUÊS CULTO DE SÃO PAULO	73
--	-----------

4.1 – PADRÕES FUNCIONAIS E REFERENDAÇÕES NO PORTUGUÊS PAULISTANO	73
---	-----------

CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
-----------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
-----------------------------------	-----------

LISTA DE QUADROS

QUADRO I – NÍVEIS DE CODIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA	20
QUADRO II – AMOSTRAS QUE COMPÕEM O CORPUS	48
QUADRO III – INFORMANTES PEUL/UFRJ – RECONTATO/AMOSTRA 00	50
QUADRO IV – QUANTIFICAÇÃO DE PADRÕES – PORTUGUÊS CARIOCA	58
QUADRO V – RESUMO COMPARATIVO DAS ACEPÇÕES EM DICIONÁRIOS	61
QUADRO VI - SINAIS CONVERSACIONAIS VERBAIS	66
QUADRO VII - QUANTIFICAÇÃO DE PADRÕES – PORTUGUÊS PAULISTANO	78
QUADRO VIII – RESUMO COMPARATIVO DO VERBO ‘ <i>ESPERAR</i> ’ NO PORTUGUÊS POPULAR CARIOCA E NO PORTUGUÊS CULTO PAULISTA	79

RESUMO

Entende-se por gramaticalização a passagem de um item lexical para um item gramatical, ou de um menos gramatical para um mais gramatical. Vinculando este trabalho ao arcabouço teórico da Gramaticalização numa abordagem funcionalista, discutimos a mudança lingüística empreendida pelo verbo ‘*esperar*’ até alcançar seu padrão funcional de marcador conversacional sob forma da expressão ‘*espera aí*’. Como ponto de partida, elegemos uma amostra do falar culto paulista a partir de materiais provenientes do acervo CAPH (Centro de Apoio à Pesquisa em História – FFLCH-USP), da midiateca do IEA (Instituto de Estudos Avançados-USP) e de entrevistas já organizadas pela equipe do Projeto NURC/SP (Projeto Norma Urbana Culta de São Paulo). Evidenciamos o papel discursivo do interlocutor como gatilho para a emergência do padrão funcional mais inovador. Esta dissertação vincula-se ao Grupo de Pesquisa “Mudança Gramatical do Português – Gramaticalização” (CNPq-USP).

PALAVRAS-CHAVE: *gramaticalização; verbos; funcionalismo; marcadores conversacionais, mudança gramatical*

ABSTRACT

It is assumed that grammaticalization is the passage from a lexical to a grammatical item or from a less grammatical to a more grammatical one. We link this research to a theoretical framework of the Grammaticalization in a functionalist approach, we also argue about the linguistic change undertaken by the verb ‘esperar’ (wait) until it reaches its functional standard of a conversational marker that is formed by the expression ‘espera aí’. A starting point, we elect a sample of the *Paulista*’s (from São Paulo) standard spoken language material proceeding from the CAPH (Center of Support to the Research in History - FFLCH-USP), from the *midia-library* of the IEA (Institute of Advanced Studies) and the Project NURC/SP (Project Cultured Urban Norm of São Paulo) organized interviews. We evidence the discursive role of the interlocutor as the trigger for the rising of the more innovative functional standard. This dissertation is linked to the Group to Research “Portuguese Grammatical Change - Grammaticalization” (CNPq-USP).

KEY-WORDS: *grammaticalization; verbs; functionalism; conversational markers; shakeup grammatical*

INTRODUÇÃO

Tendo o Funcionalismo Lingüístico como apoio teórico, em especial no que diz respeito aos paradigmas da gramaticalização e à mudança lingüística, procedemos ao estudo do verbo ‘*esperar*’ e às formas de sua expressão, em especial à utilizada como marcador conversacional ‘*espera aí*’.

Tendo em vista que essa expressão é recorrente na fala, organizamos um *corpus* que inclui essa modalidade a partir de amostras de entrevistas recolhidas no CAPH (Centro de Apoio à Pesquisa em História/FFLCH-USP), no IEA/USP (Instituto de Estudos Avançados), nos materiais organizados pelo Projeto NURC/SP (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo) e no corpus do PHPP (Projeto de História do Português Paulista).

O ponto central do trabalho diz respeito ao funcionamento do verbo ‘*esperar*’ e da expressão ‘*espera aí*’ no que tange ao movimento de mudança em seu estatuto categorial, propriedade manifestada como pertinente ao processo de gramaticalização. Esse processo define-se como a passagem de um item lexical para um item gramatical, ou de um menos gramatical para um mais gramatical, ou ainda algo mais concreto para um menos concreto (cf. MEILLET, 1965; HEINE, CLAUDI e HÜNNEMEYER, 1991; HOPPER e TRAUGOTT, 1993).

Manifestado no comportamento do verbo ‘*esperar*’ e da expressão ‘*espera aí*’, o processo de gramaticalização orienta especialmente a formulação de nossas principais questões e hipóteses. Também orienta a discussão que fazemos em torno de marcadores

conversacionais e dos vários significados de usos de tal expressão, denunciados pelas funções de ‘esclarecer’, ‘retificar’, ‘preencher pausas’, dentre outras, caracterizadas pela expansão semântica associada à forma em estudo.

A presente dissertação organiza-se em quatro capítulos. No primeiro, descrevemos o fenômeno sob estudo, com ênfase no estatuto gramatical que tem sido atribuído ao verbo ‘*esperar*’, especialmente a sua identificação como marcador conversacional ‘*espera aí*’. No segundo capítulo, aspectos apreendidos das alterações observadas são problematizados, derivando daí os objetivos, as questões e as hipóteses que orientam a investigação, além da metodologia utilizada. No terceiro capítulo, tecemos considerações sobre os métodos e os materiais utilizados para realizarmos esta pesquisa, e procedemos à análise e à discussão dos dados apresentados. No quarto e último capítulo, procedemos à análise do verbo ‘*esperar*’ no que diz respeito ao seu comportamento em cada padrão funcional identificado. Fecham a dissertação as considerações finais e as referências bibliográficas.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1 – O FUNCIONALISMO EM LINGÜÍSTICA

Apresentamos aqui o quadro teórico em que se insere esta pesquisa: uma perspectiva funcionalista que coloca em evidência a inter-relação entre fatores estruturais e motivações comunicativas, com seus pressupostos basilares, sobretudo aqueles referentes ao processo de gramaticalização (cf. principalmente HOPPER, 1987, 1991; HOPPER e TRAUGOTT, 1993; BYBEE e HOPPER, 2001; TRAUGOTT e HEINE, 1991; HEINE, CLAUDI e HÜNNEMEYER, 1991).

1.1 – FUNCIONALIDADE NA LÍNGUA

Estudar uma língua apenas enquanto sistema lingüístico autonomamente estruturado é fazer uma análise excessivamente redutora quando se deseja estudar as produções efetivas dos indivíduos em determinado recorte metodológico, pois as relações sociais afetam sobremaneira essa mesma produção. O que os funcionalistas buscam superar é a visão estrutural de língua destituída de fatores extralingüísticos presentes nos contextos comunicativos em que esta língua é usada e teoricamente suplantam as dicotomias derivadas de uma orientação estruturalista, tais como diacronia/sincronia, língua/fala, dentre outras.

Os estudos funcionalistas têm em comum a concepção de língua como um instrumento de comunicação, como uma estrutura submetida às pressões provenientes das situações comunicativas, que exercem grande influência sobre sua estrutura lingüística.

Assim, um funcionalista analisa a estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo. Não se pode compreender um fato lingüístico sem se levar em conta o sistema ao qual ele pertence. O estudo de uma língua exige que se leve rigorosamente em conta a variedade das funções lingüísticas e dos seus modos de realização.

A produção do enunciado implica uma intrincada troca chamada interação lingüística, e pesam nesta interação diversos fatores, tais como a força elocucionária, o planejamento, a imagem que o falante forma do interlocutor e de si mesmo no jogo de antecipações e atualizações lingüísticas.

Uma abordagem funcionalista de uma língua natural prevê que se tenha como objetivo o interesse de verificar como se realiza a comunicação numa determinada língua, ou como os usuários dessa língua a utilizam para se comunicar entre si de maneira eficiente. Dessa forma, o funcionalista leva em consideração em sua análise aspectos atinentes à situação, ao contexto comunicativo, incluindo-se aí o propósito do evento da fala, de seus participantes e o contexto discursivo.

Halliday (1985) propõe uma teoria funcionalista sistêmica e busca estabelecer relações entre todas as escolhas semanticamente relevantes feitas na língua como um todo, procurando chegar, assim, à resposta do porquê um falante utiliza determinados itens dentre os tantos disponíveis naquela língua para compor o seu enunciado. Para tanto, o sistema lingüístico está intrinsecamente ligado ao sistema social, ao uso.

Assim, o sistema provê todos os elementos necessários para que a língua possa ser utilizada em situações concretas de uso por falantes concretos, mas é também a partir dos fatores externos que o falante deverá proceder para determinar suas escolhas. Cada indivíduo faz parte de um grupo social e faz uso da língua em situações variadas para atingir diferentes objetivos. Vai nessa direção o que defende Halliday (1985): “a língua é um sistema para produzir significados”.

As escolhas se situam no nível paradigmático, enquanto no nível sintagmático estão as cadeias de relações. Todo esse processo produz um texto que pode ser caracterizado como uma representação do sistema social e lingüístico.

Ainda nessa perspectiva de Halliday, verifica-se que um conjunto de situações comunicativas ocorre no processo lingüístico. Esse conjunto de situações comunicativas corresponde aos interlocutores, às condições de produção e à dinâmica do ato comunicativo. Essas mesmas condições são priorizadas em medidas de atenção diferenciadas em todos os estudos produzidos numa abordagem funcionalista.

A identidade no ato comunicativo se constrói pelas relações que se estabelecem entre os falantes e o meio em que vivem, através do desempenho de papéis em eventos sociais. Ao desempenhar papéis num evento de fala, os falantes colocam-se como sujeitos desse evento, dividindo-se em tipos diversos de papéis sociais e de categorias sociais.

Já em Halliday e Hasan (1976) encontra-se um esquema em que, de acordo com sua concepção, as funções básicas da comunicação se dividem da seguinte forma: ideacional, interpessoal e textual. Essas três funções se combinam e se atualizam simultaneamente nas cláusulas, estruturando, assim, o contexto conversacional, equilibrando o ato de fala em representação (ideacional), troca (interpessoal) e mensagem (textual).

A partir do contexto situacional, o falante seleciona o registro a ser utilizado em sua atuação lingüística. Suas escolhas no ato comunicativo estão ligadas ao papel que assume na interação verbal. A escolha depende, portanto, da intenção do falante, da forma que ele considera adequada para emitir sua informação pragmática e de como ele deseja que o destinatário a receba e retorne a ele.

O registro é entendido como a utilização da língua de acordo com normas que pressionam determinada situação de uso. Segundo Halliday (1985), os registros distinguem-se de acordo com o campo do discurso (o assunto), o modo do discurso (o papel desempenhado pela atividade lingüística numa situação), e o estilo do discurso (as relações entre os participantes do discurso).

Constatamos até aqui que, Halliday (1985), propõe uma abordagem teórica que visa explicar fatos intrínsecos à língua. As múltiplas funções que a língua exerce se refletem na organização interna da língua, e a investigação da estrutura lingüística revela as necessidades a que a língua serve. Ilustra bem essa perspectiva o que afirma Neves ao delimitar seu campo de interesse: "A pluralidade funcional se constrói claramente na estrutura lingüística e forma a base de sua organização semântica e simbólica, ou seja, lexical e gramatical" (NEVES, 1997).

Numa vertente holandesa, o funcionalismo acentuou o papel da cognição do indivíduo em situação de interação quando Dik (1989) lança seu livro com uma fundamentação teórica preocupada com o papel do interlocutor e o efeito disso na produção conversacional dos falantes. Assim, tenta demonstrar como "opera" o usuário da língua e como se pode aplicar um modelo de análise que favoreça o reconhecimento da atuação desses elementos cognitivos aos dados sintáticos.

Dik (1989) inicia sua argumentação reconhecendo que a condição humana transcende a de um animal lingüístico, e que no processo comunicativo estão envolvidas muitas funções humanas “mais elevadas” do que simplesmente a função lingüística.

A capacidade lingüística seria apenas uma das muitas capacidades que o ser humano utiliza em diferentes situações comunicativas. Assim, ele cita a capacidade epistêmica, a capacidade lógica, a capacidade perceptual e a capacidade social. Essas capacidades interagem, continuamente, umas com as outras.

Seu modelo de comunicação, por essa razão, prevê um campo de interlocução entre usuários que não perdem de vista a bagagem pragmática de seus interlocutores em face de seus objetivos numa situação interativa. Esse modelo nos parece um grande aliado no estudo da mudança lingüística, que é deflagrada – e por isso pode aí mesmo ser apreendida – em situações de interação.

Em suma, para os trabalhos vinculados ideologicamente ao funcionalismo, o que importa é o uso das expressões lingüísticas na interação verbal. É através dela que se conhece a interação social entre os indivíduos, estabelecendo-se, assim, relações comunicativas entre os usuários. Essa é a filiação teórica deste trabalho sobre mudança gramatical de verbos no português, razão pela qual, na próxima seção, apresentaremos uma breve leitura de alguns teóricos funcionalistas, cujas idéias reverberam nesta dissertação.

1.2 – A TEORIA FUNCIONALISTA

Para o funcionalismo lingüístico, as sentenças não contêm apenas informações semânticas; é imprescindível que o analista tome todo o contexto pragmático como objeto

de análise porque este está impregnado na codificação lingüística; assim, todo o contexto que cerca o ato de fala é relevante para a análise.

A competência comunicativa dos indivíduos advém, neste sentido, não somente de sua capacidade de codificar e decodificar informações, mas ainda do uso satisfatório dessa habilidade lingüística. Logo, a interação eficiente está também ligada a fatores externos à língua (cf. NEVES, 1997).

Segundo Givón (1995), o funcionalismo estuda a língua em uso, priorizando a relação entre a gramática e o discurso. De acordo com a teoria funcionalista, o discurso pode ser descrito como os artifícios usados pelo falante para organizar o seu texto diante de um determinado ato de comunicação. Percebe-se, então, que o discurso molda a gramática, e a gramática molda o discurso. É no interior do discurso e sob a influência do contexto que a gramática emerge e se transforma continuamente. Com o uso da língua ocorre também variação e a indeterminação, fatores indispensáveis para a construção e reconstrução da gramática.

Dessa forma, a gramática: i. é percebida como um conjunto de estratégias que serve a uma comunicação coerente, ou seja, livre de regras fixas que, para que sejam produzidas sentenças gramaticalmente adequadas, devem ser conservadas; ii. constitui-se do uso lingüístico, por isso não se estabiliza; iii. por moldar-se a partir do discurso dos falantes, deve ser considerada dinâmica, pois ela se adapta ao uso dos falantes não sendo, portanto, pré-estabelecida; iv. decorre das inferências cognitivas e, principalmente, das pressões de uso.

A correlação entre a codificação lingüística e a função cognitivo-comunicativa, postulando os níveis de codificação lingüística, é apresentada por Givón (1993, 1995 – *apud* NEVES, 1997) de acordo com o quadro seguinte:

Função cognitivo-comunicativa	Codificação
Significação lexical	Sistema sensorio-motor
Semântica proposicional	Sistema gramatical
Pragmática discursiva	Sistema gramatical

QUADRO I: NÍVEIS DE CODIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA

As informações contidas no quadro I podem ser interpretadas a partir da coluna à esquerda da seguinte maneira. No parâmetro da significação lexical, as palavras codificam os conceitos por meio de sons; na semântica proposicional e na pragmática discursiva, a codificação é realizada pelo sistema gramatical. Portanto, a informação proposicional em sentenças e a coerência textual das sentenças em seu contexto discursivo são codificadas pela gramática.

Uma definição do que se entende por ‘pragmática discursiva’ em Givón (1993, 1995) pode ser percebida com a refutação de um ‘extrapolamento’ dos limites da frase no nível textual. A teoria funcionalista de Givón concebe a gramática não só no nível da oração, mas também no nível textual, salientando, assim, relações lingüísticas estabelecidas nos dois níveis. Dessa forma, um item ou construção poderia sofrer mudança de nível de atuação: da sentença para o texto, atuando, então, na organização textual.

O que não está explícito por Givón é se o sistema gramatical abrangeria também o que os lingüistas têm classificado como Marcadores Conversacionais, isto é, se o que o autor atesta como função pragmático-discursiva recobre os aspectos lingüísticos mais

relacionados ao nível da interação, principalmente no que tange a aspectos de processamento que dizem respeito à organização no plano das idéias.

Outra autora que também trata do escopo gramatical é Traugott (1995). Ela considera que a gramática estrutura aspectos comunicativos da linguagem e que engloba não só a fonologia, a morfossintaxe e a semântica, mas também elementos pragmáticos como dêiticos e topicalização. A autora defende que algumas características, como fortalecimento pragmático e subjetivação – aqui considerada como as atitudes do falante – devem ser relacionadas como elementos pertinentes ao processo de gramaticalização.

Traugott considera os marcadores conversacionais como elementos pertinentes à gramática. Elementos como ‘indeed’, ‘in fact’ e ‘besides’ são tratados por Traugott como marcadores discursivos. Admite, assim, que eles servem para avaliar a relação que se estabelece entre a seqüência discursiva em curso e a precedente, e não para avaliar o conteúdo proposicional. Ela cita alguns exemplos para ilustrar essas funções, os quais transcrevemos, a seguir, numerados de (1) a (3):

(1) “Any a one that is not well, comes farre and neere is hope to be made well: *indeed* I did heare that it had done much good, and that is hath a rare operation to expell or kill diures maladies”.

(2) “I should not have used the expression. *In fact*, it does not concern you – it concerns only maysel”.

(3) “The whooping cough seems to be a providential arrangement to force you to come, as the expense will be little greater than going anywhere else, *besides* if you put a trusty female at Ravenscroft we save the Williamses’ wages as long as they are away”.

A posição sintática, o papel semântico e principalmente a função argumentativa de *indeed*, *in fact*, *besides* sinalizam padrões funcionais mais elaborados e abstratizados, o que asseguraria o caráter evolutivo no *continuum* de gramaticalização.

Até aqui pôde ser percebido que tanto Traugott como Givón asseveram que o aspecto pragmático tem grande relação com o âmbito da gramática, a despeito de sua exacerbada função no plano das relações textuais. Se isso for um fato também na língua portuguesa, teremos que admitir que o marcador conversacional ‘**espera aí**’ representaria uma categoria discursiva derivada da gramática.

2 – GRAMATICALIZAÇÃO

O processo de gramaticalização é um dos meios para se explicarem fenômenos em mudança lingüística. Aplicar, no entanto, esse termo como rótulo adequado dependerá do reconhecimento de alguns traços, propriedades e princípios depreendidos do comportamento do item tomado como objeto de investigação.

Nesta seção definimos *gramaticalização* de acordo com a perspectiva de diferentes autores. São eles: Meillet ([1912]1965), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), Hopper e Traugott (1993).

A gramaticalização é um processo que pode ser entendido como a passagem de itens lexicais (palavras, orações e construções) que designam entidades, ações, qualidades, como nomes, verbos, para itens gramaticais, sendo que estes serviriam para organizar os elementos lexicais do discurso. Na maioria dos textos, encontramos referência a preposições, conectores e pronomes como exemplos de elementos gramaticais, os quais, originados de elementos lexicais, assumiram um novo *status* como categoria gramatical.

Meillet ([1912]1965), um dos precursores da teoria moderna da gramaticalização, afirma que esta se dá através de um *continuum*, ou seja, há uma passagem de itens lexicais

a gramaticais. Segundo esse autor, a gramaticalização é a passagem de uma palavra autônoma para um elemento gramatical, constituindo-se num dos principais processos de mudança lingüística. Demonstra como essa passagem se dá no francês por meio da análise do verbo auxiliar de futuro. Na verdade, a abordagem de Meillet demonstra a evolução gramatical de uma palavra (o verbo ir em seu processo de abstratização) cujos efeitos repercutem no paradigma (a marcação de futuridade) numa língua.

De acordo com Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), a motivação para esse processo nasce tanto por conta das necessidades da comunicação não serem saciadas pelas formas já existentes quanto devido à existência de conteúdos cognitivos para os quais não se encontra (ou por ser difícil encontrar) um termo adequado. Vale ressaltar que o surgimento de novas formas gramaticais motiva-se a partir do desenvolvimento de estruturas já em uso e que são funcionalmente equivalentes.

Hopper e Traugott (1993) definem a gramaticalização “como o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos lingüísticos, a desempenhar funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”. A organização dos itens lingüísticos segundo o tipo de categoria poderia representar de modo adequado a dinamicidade desse processo de mudança: **Categoria maior** [nome, verbo, pronome] > **Categoria mediana** [adjetivo, advérbio] > **Categoria menor** [preposição, conjunção].

Ainda que não compreendamos a que remete a adjetivação *menor, mediana e maior* no que se refere às categorias gramaticais, é possível depreender por essa organização postulada que alguns conjuntos são mais plenos em significação do que outros; que alguns conjuntos estão a serviço de outros conjuntos, mas essa verdade não se aplica a todos os

conjuntos. Todas as categorias, contudo, são alvos certos da gramaticalização e podem ser tomados como item-fonte de um processo deflagrado.

Resta, contudo, uma pergunta: seriam as classes de palavras o meio mais eficiente de se depreenderem todos os tipos de mudança explicáveis por gramaticalização, já que trabalhos anteriores demonstraram que uma mudança pode ser operada sem, contudo, afetar a classe de palavras? Foi o que demonstrou, por exemplo, Lima-Hernandes (2005)¹ na análise empreendida com os itens *feito*, *igual*, *tipo* e *como*, ao evidenciar que mudanças podem ser depreendidas de movimentos muito tênues e imperceptíveis nas línguas. No caso desse trabalho, a autora mostra que a palavra *tipo* em algumas fases reconhecidas como exemplos de mudança lingüística, não migra de categoria gramatical. Consideremos os exemplos *a* e *b* como ilustrativos desse fato:

(a) conheci um tipo bastante interessante.

(b) comprei um tipo de vestido que não se encontra comumente.

Em ambos, temos a seqüência “um tipo”, que pode ser descrita como um determinante seguido de um nome, no entanto, no exemplo (a), *tipo* é de fato um substantivo pleno, com significação concreta e independência vocabular. Já, no exemplo (b), *tipo* apresenta-se como parte de uma expressão classificadora e não pode ser lido de forma independente.

De qualquer modo, no processo de gramaticalização, os elementos discursivos não adquirem apenas características sintáticas que os diferenciam dos verbos, substantivos etc.,

¹A autora se refere ao item *tipo*, que, mesmo mantendo-se vinculado à classe de palavras *substantivo*, passou por um processo de gramaticalização que o levou a tornar-se de substantivo nomeador a substantivo classificador.

mas podem também adquirir traços semânticos, “que se relacionam menos com o mundo do qual se está falando e mais com a organização do falante sobre aquele mundo no ato de fala” (TRAUGOTT, *apud* HEINE, CLAUDI e HÜNNEMEYER, 1991).

Em lingüística funcional, a gramática é vista, de forma geral, sob a ótica da *emergência* ou *emersão*. Vem de Hopper (1987) a noção de ‘gramática emergente’, ou seja, uma gramática que não é estável nem fechada. Pelo contrário, é aberta, passível de mudança e substancialmente afetada pelo uso que lhe é dado no dia-a-dia. Desse modo, toda regularidade encontrada em um intervalo de tempo é provisória e sempre sujeita à renovação e ao abandono, o que gera continuamente fórmulas inovadoras.

A gramática emergente, portanto, está sempre ancorada na forma concreta específica de um enunciado e ganha seus contornos no discurso, mediante as experiências dos falantes em suas trocas comunicativas (HOPPER, 1987). Dada justamente essa noção de emergência da gramática, sustentáculo da visão funcionalista que considera inovações e mudanças inerentes à idéia de estrutura, podemos apresentar, então, alguns conceitos de gramaticalização, em lingüística funcional, aos quais subjazem noções de variação e de mudança:

- Para Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) → existe gramaticalização quando uma unidade lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical.
- Para Hopper e Traugott (1993) → a gramaticalização é o processo por meio do qual itens e construções lexicais, em um determinado contexto lingüístico, desempenham funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

- Para Traugott e Heine (1991) → a gramaticalização é um tipo de mudança lingüística sujeita a certos processos gerais e mecanismos de mudanças, caracterizada por certas conseqüências, como, por exemplo, a mudança na gramática.
- Para Bybee e Hopper (2001) → a gramaticalização é o mecanismo pelo qual as estruturas emergem a partir da língua em situação de uso.

Só a definição e conceituação do que é a gramaticalização em diferentes perspectivas não é suficiente para que o analista tenha a convicção do fenômeno que atinge seu objeto de estudo. Essa é a razão por que alguns teóricos traçam princípios e/ou parâmetros para os testes investigativos. Se considerados princípios, devem sustentar a teoria e manter-se como balizadores do processo como um todo em todas as línguas. Se considerados parâmetros, devem servir de critérios suficientes para medir em que estágio um item se encontra em termos de sua mudança gramatical.

Cinco são os princípios propostos por Hopper (1991). Segundo o autor, eles são capazes de auxiliar a identificar se um determinado item está em processo de gramaticalização desde seus estágios mais tenros. Na verdade, poderiam ser considerados muito mais parâmetros para se medir esse estágio, mas, segundo Hopper, também podem determinar se é ou não um processo de gramaticalização instaurado, daí a adoção do termo *princípios*.

a) *Estratificação: é o estágio por meio do qual novas formas surgem dentro do sistema lingüístico e passam a coexistir com as formas antigas. Essas formas não desaparecem imediatamente e conseqüentemente passam a interagir com as emergentes.*

Esse princípio representa uma fase de variação, ou seja, um momento em que existe mais de uma forma para a mesma função, uma competição entre formas pela mesma função. Se o item sob análise estiver em processo de gramaticalização, seremos capazes de identificar regras variáveis para cada padrão funcional identificado para o item-fonte *esperar*.

b) *Divergência: é considerada um aspecto oriundo da estratificação, uma vez que também há uma coexistência de formas dentro do sistema. Entretanto, entre cada uma das formas estratificadas percebem-se comportamentos diversificados. O item-meta passa a se comportar de modo divergente em relação ao item-fonte.*

A divergência poderá ser observada pela diferença funcional existente entre cada um dos padrões identificados para a forma *esperar*.

c) *Especialização: pode ocorrer a possibilidade de um item tornar-se obrigatório pela restrição de escolha, pois podem ocorrer, no sistema, diferentes formas com nuances de significado. Quando acontece o processo de gramaticalização, o poder de escolha diminui e as formas selecionadas assumem uma dimensão maior e mais abrangente no que se refere ao seu significado.*

Caso algum padrão funcional tenha se especializado, então seremos capazes de perceber e identificar sua preferência de uso em relação a outros para ocupar um campo funcional específico.

d) *Persistência: ocorre quando a forma, após passar pelo processo de gramaticalização, continua com vestígios de seu significado original e particularidades de sua história podem ser refletidas sobre sua distribuição gramatical.*

Se houver um processo de gramaticalização deflagrado, então seremos capazes de identificar o traço que persiste e etimologicamente liga todos os padrões funcionais desenvolvidos pela forma *esperar*.

e) *Decategorização: refere-se à mudança do estatuto categorial de itens gramaticalizados. Após o processo de gramaticalização, as formas perdem ou neutralizam marcas morfológicas e categorias sintáticas, características das categorias plenas, nome e verbo, e assumem características próprias das categorias secundárias, como verbos auxiliares e marcadores conversacionais.*

O que se percebe, a partir da decategorização, é a perda de uma autonomia, isto é, formas que possuíam um significado não dependente do texto passam a desempenhar um significado atrelado à posição relevante no texto.

Num estágio mais avançado é notória a mudança de categoria gramatical, por essa razão consideramos que o item-fonte *esperar* deverá ter uma cadeia de decategorização evidenciada pelos dados submetidos à análise durante este trabalho de pesquisa.

2.1 – UNIDIRECIONALIDADE NA GRAMATICALIZAÇÃO

O princípio considerado mais importante para a gramaticalização é a unidireção assumida pelas mudanças gramaticais. Os itens lexicais passam a ser sintaticamente estáveis e, de modo eventual, podem se mesclar morfológicamente, como raiz e afixo (HOPPER e TRAUGOTT, 1993).

O que Hopper e Traugott afirmam é que esse movimento é de mão única. Trata-se da relação entre dois estágios A e B, sendo que, A ocorre antes de B, e não vice-versa. Contudo, destacamos que a passagem de um estágio a outro não é de forma direta, podendo haver fases intermediárias entre A e B.

Seguindo o princípio da unidirecionalidade, ainda na concepção de Hopper e Traugott, pode-se dizer que, diacronicamente, as categorias menores originam-se das categorias maiores. Esses autores propõem uma escala para melhor explicar o caminho da unidirecionalidade: **ITEM DE SIGNIFICADO PLENO > PALAVRA GRAMATICAL > CLÍTICO > AFIXO FLEXIONAL.**

Não só Hopper e Traugott propõem a unidirecionalidade como o princípio identificador e orientador da gramaticalização; Heine, Claudi e Hünemeyer (1991b) já haviam dado a devida relevância a esse princípio, destacando alguns outros traços que advêm desse processo unidirecional:

- a) o desvio funcional precede o formal;
- b) ocorre a decategorização de categorias lexicais prototípicas;
- c) há a possibilidade de recategorização;

d) um elemento gramatical pode perder a autonomia (uma palavra autônoma passa a clítico, um clítico passa a afixo);

e) pode ocorrer a erosão ou enfraquecimento formal.

Notemos que cada um dos traços reflete a direção de mudança assinalada. A forma se mantém, mas isso não significa que a função não tenha sido alterada; as categorias consideradas prototípicas (provavelmente as mais recorrentes e mais lembradas como representante de uma classe) são as que primeiro sofrem a mudança; sofrendo mudança, o item poderá ingressar numa nova categoria; esse item autônomo pode passar a escopo de outro, a parte de outro ou a auxiliar um outro a desempenhar sua função; o item que passou por mudança pode sofrer algum tipo de erosão fônica. Essa erosão, contudo, não necessariamente significa que houve perda de sílaba ou fonema; poderia ser uma perda de acento, uma perda de pausa, uma perda de algum traço fônico ou prosódico.

Heine, Claudi e Hünemeyer (1991a) também apresentam uma ordenação de categorias cognitivas, por meio das quais se pode observar um processo de abstratização:

PESSOA > OBJETO > ESPAÇO > TEMPO > PROCESSO > QUALIDADE.

Essa organização e a representação da direção marcada da esquerda para a direita (representando o princípio da unidirecionalidade) implicam que as mudanças são operadas sempre de categorias cognitivas mais próximas do indivíduo [+ concretas] para categorias cognitivas mais distantes do indivíduo [-concretas] (GONÇALVES *et alii*, 2007). Se esse raciocínio estiver correto, então, o desenvolvimento assumido pelo item '*esperar*' no português culto seguirá uma trajetória unidirecional. Para checar essa hipótese, procederemos, em sessão destinada à análise dos dados, ao tratamento qualitativo de cada

padrão funcional identificado nos dados efetivamente produzidos por falantes cultos de São Paulo.

2.2 – GRAMATICALIZAÇÃO DE VERBOS

Tendo em vista que já existe uma literatura específica sobre a gramaticalização de itens verbais, reunimos aqui algumas dessas informações a fim de identificar critérios e caminhos úteis para a checagem dos dados relativos aos padrões funcionais do verbo *esperar* no português culto. Somente ao final desta sessão, portanto, teremos condições de estabelecer o método de descrição e análise que adotaremos neste estudo.

Uma vez reconhecido que um verbo está em franco processo de gramaticalização, deve-se identificar a possível rota assumida pelo item. Os trabalhos resenhados durante este subitem nem sempre revelam uma única rota de mudança para verbos.

Essa aparente contradição diz muito ao linguísta. A primeira e mais superficial constatação, nem por isso menos importante, é a de que categorias gramaticais nem sempre dão conta de explicar o que é uma direção de mudança num estudo sobre gramaticalização em processo. A segunda constatação remete ao caráter cognitivo dos gatilhos de mudança.

Travaglia (2002, 2003), por exemplo, identifica duas rotas alternativas de mudança, mas dúvidas pairam ainda sobre um encadeamento mais completo das categorias derivadas de um verbo pleno:

a) Verbo Pleno > (forma perifrástica: verbos semi-auxiliares / auxiliares) > verbo de ligação ou verbo funcional > aglutinação?² (clítico > afixo); ou

b) Verbo Pleno > forma perifrástica (verbos semi-auxiliares / auxiliares) > aglutinação (clítico > afixo).

Heine (1993:58-66), que inspirou parcialmente o trabalho de Travaglia, também propõe sete estágios para a gramaticalização de verbos. Para Heine, um verbo que é aliciado por um processo de gramaticalização pode passar pelos sete seguintes estágios de mudança. A título de ilustração, recuperamos os exemplos do verbo *buscar*, analisado por Barroso (2008).

Estágio 1: É o estágio das fontes concretas, em que os verbos têm seu significado lexical pleno e seus objetos referem-se tipicamente a um objeto concreto.

(9) **Buscar** a roupa na lavanderia

Estágio 2: Neste estágio o verbo começa a se tornar auxiliar. O “complemento” do verbo é uma situação dinâmica preferencialmente a uma entidade da natureza dos objetos concretos. Para Heine, neste estágio, os itens em gramaticalização se associam sempre (“estão em grupo”) com itens que são inequivocamente classificados como verbos. Os itens neste estágio têm as seguintes características: podem ter tanto complementos nominais quanto estar associados a complementos representados por verbos não-finitos (formas nominais); a identidade de sujeitos dos dois verbos associados não é um requisito

² O ponto de interrogação sugere que pesquisas precisam ser desenvolvidas sobre esse *cline* da cadeia.

obrigatório; o complemento do verbo não precisa ser apenas de um tipo de construção, na verdade podem aparecer diferentes tipos de construção em concorrência, tais como infinitivo, o gerúndio ou o particípio; o complemento do verbo pode também ser uma oração com verbo finito.

(10) **Buscar** atendimento no posto médico / **Buscar** conhecimento sobre o funcionalismo.
[que pode ser interpretado como “Buscar conhecer o funcionalismo”]

Estágio 3: Neste estágio o SN sujeito pode ter referentes não-humanos / com vontade própria (“willful”) porque as restrições de seleção tendem a ser eliminadas e os verbos passam a expressar funções “formulaicas” (ou, antes, gramaticais) como as de tempo, modo ou aspecto. O verbo pode tomar como complemento um verbo cognato.

(11) Este trabalho **busca** investigar [**busca** delimitar, buscar definir] aspectos lingüísticos...
/ Busco entendimento, busco compreensão, busco afinilamento das questões... [que pode ser interpretado como “busco entender, compreender, afinilar as questões...]

Estágio 4: Neste estágio os verbos em gramaticalização poderiam ser chamados de “defectivos” (embora não o sejam), porque sua característica mais marcante é o fato de terem se decategorizado e apresentarem por isto as seguintes características: perdem sua possibilidade de formar imperativos, de ser nominalizados ou se apassivar; não são mais associados com nomes que funcionam como núcleos de seus complementos; associam-se a apenas uma forma nominal (não-finita) na formação de perífrases.

(12) Eu *espero continuar* morando aqui por mais tempo³

*Estágio 5: Neste estágio os verbos em gramaticalização tendem a apresentar as seguintes características: ser vistos como pertencendo a outra classe que não a de verbo; perder a possibilidade de ser negado separadamente; perder a possibilidade de ocorrer em outras posições na oração; ser um híbrido com algumas características de verbo que ficaram e com características de marcador gramatical; podem ser cliticizados e/ou sofrer erosão, perdendo o status de palavra e substância fonológica e/ou a morfologia de nominalização e/ou adverbial do complemento é erodida. Como Barroso (2008) afirma que não encontrou exemplos com o verbo ‘**buscar**’, imaginamos que este estágio poderia ser representado por exemplos do verbo ‘*esperar*’ em que a forma se mantém formalmente íntegra, com realização fônica de todas as suas sílabas, seguido por uma pausa marcada:*

(13) **Espera!** Você não disse que ia à padaria?

(14) **Espera,** não estou entendendo...

Estágio 6: Neste estágio o verbo em gramaticalização: perde as características verbais remanescentes e se torna um elemento gramatical firmemente estabelecido morfológica e sintaticamente; seu “complemento” passa a ser interpretado como verbo principal; o verbo passa de clítico para afixo e geralmente é visto como clítico/ partícula ou como afixo; mantém ainda resíduos que permitem identificar a estrutura de origem.⁴

³ Para este estágio de mudança e o subsequente, Barroso (2008) afirma não ter encontrado exemplos, razão pela qual selecionamos dados de nosso material de pesquisa.

⁴ Barroso não apresenta exemplos nem para este estágio nem para o seguinte. Também não conseguimos identificar as características citadas nos dados colecionados do verbo *esperar*.

Estágio 7: Este é o estágio final da gramaticalização do verbo que perde qualquer característica verbal e se torna um marcador gramatical puro com a forma de um afixo flexional sem tom ou acento próprios distintivos. O outro verbo da locução perdeu completamente qualquer traço de morfologia de nominalização ou adverbial, sendo visto como um verbo pleno.

Para Heine (1993), nos diferentes estágios de gramaticalização, os verbos podem ser assim classificados (considerando a variação terminológica que pode haver):

- a) nos estágios 1 e 2: lexemas, verbos plenos;
- b) no estágio 3: quase-auxiliares, semi-auxiliares, concatenativos;
- c) nos estágios 4 e 5: auxiliares;
- d) no estágio 6: auxiliares ou afixos;
- e) no estágio 7: afixos ou flexões.

Notemos que a organização derivativa explicitada por Travaglia origina-se no modelo de Heine (1993). Em crítica formulada por Travaglia (2002), há o alerta para o fato de que a proposta se aplica mais diretamente a verbos que se gramaticalizam via formação de construções perifrásticas, mas não por outras vias de gramaticalização de verbos como a que leva um verbo a se tornar um verbo funcional de ligação ou que funciona como marcador temporal, marcador de relevância, marcador conversacional, operador argumentativo entre outros.

Por essa crítica explicitada, perguntamo-nos se o verbo *esperar* poderia ser avaliado pelos critérios subjacentes aos estágios propostos por Heine (1993), uma vez que o verbo sob investigação parece assumir alta relevância na situação conversacional.

Com base nessa crítica, Travaglia cose uma nova proposta acerca do *continuum* de verbos. Essa proposta, contudo, também parece não dar conta do verbo que investigamos. Notamos que a divergência do encaminhamento de mudança descrito por Heine e também das rotas alternativas propostas por Travaglia podem se tornar um obstáculo à explicitação das rotas de mudança assumida pelo verbo *esperar*. Trataremos dessa questão, de modo mais específico, em capítulo posterior, quando apresentaremos os padrões funcionais do verbo *esperar*, ponto de partida para o estabelecimento de uma rota de mudança.

É pertinente deixar claro que os estágios não são estanques, porque, em função do gradualismo na gramaticalização, os verbos podem apresentar num dado momento de análise características de mais de um estágio ou mesmo não precisando passar por todos os estágios. É também possível que um verbo em gramaticalização não chegue a alcançar o último estágio.

Já citamos alguns exemplos do trabalho de Barroso (2007), que remete a um dos trabalhos de recente conclusão no Grupo de Pesquisa “Mudança Gramatical do Português – Gramaticalização”, mas este não foi o único que discutiu rotas de mudança de verbos, razão pela qual retomaremos esse estudo e também traremos para discussão o trabalho Santos (2008) e Bernardo (2008).

Cada um desses trabalhos focaliza um tipo verbal diferente, no entanto revelam uma rota similar de gramaticalização, salvaguardando as peculiaridades semânticas de cada item sob estudo. Não é demais assinalar que esses trabalhos chegam à mesma idéia de que o que

determina a trajetória assumida pelos itens estudados deriva em parte de sua história pregressa na língua, em parte a sua frequência de uso, em parte aos traços subjacentes impressos pelo sistema cognitivo humano.

Barroso (2008) demonstra a validade dessa afirmação por meio do estudo do verbo *buscar* no português culto paulista; Bernardo (2008) faz o mesmo revelando que processos metonímicos podem favorecer o surgimento de construções inovadoras, como as serializadas e as seriais; e Santos (2008) aponta para a atuação de categorias cognitivas como motivadoras de mudanças pouco frequentes no português culto.

Partindo dos pressupostos teóricos de que: (i) a gramática está em constante movimento, sendo esse movimento orientado por abstratização de suas funções em situações comunicativas (HOPPER e TRAUGOTT, 1993); e de que (ii) verbos plenos produtivos nas línguas podem ser submetidos a processos de auxiliarização em níveis e força distintos (HEINE, 1993), Barroso (2008) avança a hipótese, com base em observações empíricas, de que o verbo BUSCAR no português culto tem empreendido uma rota típica de gramaticalização que pode ser recuperada por meio dos princípios desse processo (HOPPER, 1991).

Durante o percurso de seu estudo, Barroso (2008) se apercebe de que o padrão funcional identificado como mais abstrato era utilizado num determinado tipo de texto. Perguntou-se, então, acerca das forças sócio-culturais que estariam provocando essa alta incidência. Percebeu que o verbo quase-auxiliar (*busco* apresentar, por exemplo) sinalizaria um comportamento requerido num nicho social bastante restrito: a autoria de pesquisas científicas no meio acadêmico.

O ponto de partida para essa constatação foi, de fato, o momento da constituição do *corpus* de sua pesquisa. O autor reuniu amostras distintas e contemporâneas do início do século 21, contemplando dois gêneros do discurso: *contos literários e artigos científicos*, como também *matérias jornalísticas* e, ao separar os padrões funcionais nas amostras, notou que havia uma distribuição praticamente complementar. Sua hipótese de trabalho era de que haveria variação semântica, num contínuo unidirecional, entre o tipo de ação (atividade física/atividade mental) diretamente relacionada à estrutura composicional dos gêneros (predominantemente narrativo-concreto/dissertativo-abstrato). Associadas a essa hipótese, posteriormente confirmada, percebeu que poderiam ser atribuídas ao usuário culto da língua diferentes estratégias sintáticas e pragmáticas com relação aos padrões funcionais identificados.

Notamos, então, que à metodologia da pesquisa subjazem as tarefas de identificação dos padrões funcionais do objeto de estudo e análise dos dados à luz de alguns critérios formais. Barroso (2008) selecionou os seguintes: *composição formal*, a partir do que analisou o tipo de estruturação em que se integrava o verbo (BUSCAR + verbo / + substantivo / + zero / + pronome / + sintagma nominal); o estatuto funcional dos *complementos* com base nas categorias cognitivas propostas por Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991): pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade; ocorrência e estatuto formal de *elementos intervenientes*; e os critérios de caráter mórfico na constituição da forma verbal: *tempo e pessoa gramatical*.

Numa tentativa de refinar os critérios que permitissem vislumbrar a decategorização verbal, o autor utilizou o suporte teórico de Hopper e Traugott (1993) e de Heine (1993). Também estabeleceu diálogo com o trabalho de Travaglia (2003). Notou, então, que o

verbo BUSCAR, considerando as amostras distintas analisadas, quando deixava de funcionar como núcleo do predicado e perdia a noção semântica concreta de expressar ações físicas (predominantemente nos contos literários), podia ser considerado gramaticalizado. Nessa fase de abstratização, identificou um correlato sintático: o verbo começava a aparecer acompanhando um verbo pleno em construção perifrástica, com sentido mais abstrato de ação mental (predominantemente nos artigos científicos), configurando o deslizamento da categoria de *verbo pleno* para *verbo auxiliar*.

Pela classificação em estágios, conforme a proposta de Heine (1993), o verbo BUSCAR, nos artigos científicos, ou seja, no material que mais produziu ocorrências gramaticalizadas, tendia mais para o estágio 3, em que era classificado como *auxiliar semântico*, preso a uma forma verbal não-finita e com noção semântica abstrata aplicada à situação indicada por outro verbo. Nesse estágio, os verbos em perífrase detêm o traço de [+ identidade] de sujeito, constituindo, assim, uma unidade semântica.

No diálogo com a proposta de Travaglia (2003), o verbo analisado, ao demonstrar sentido de intenção, vontade, desejo, nos artigos científicos, marcava o *modo* em relação à situação indicada pelos verbos plenos subseqüentes, com noção semântica abstrata. Barroso, então, argumenta que nesses casos o verbo assumia o status de *marcador de modalização*, tendo a volição como principal característica modalizadora.

Em suma, no trabalho de Barroso (2008), em função do gênero discursivo encarado como gatilho social de variação e mudança lingüísticas, o verbo BUSCAR, em artigos científicos, revelou-se um *auxiliar semântico marcador de modalidade volitiva*. Com isso, o autor se apercebe da correlação estreita entre gramaticalização e gênero discursivo.

Outro estudo que lida com gramaticalização de verbos é o de Bernardo (2008), que analisa o comportamento funcional dos verbos *Vir* e *Virar*, no português brasileiro contemporâneo, desde a sua atuação em estruturas simples à formação de estruturas complexas.

Desenvolvida sob o paradigma do funcionalismo lingüístico, sua dissertação baseia-se em dados de língua falada, coletados a partir do banco de dados do projeto PEUL e NURC. A fim de sustentar a hipótese que permeia o objetivo do trabalho, também foram coletados dados de língua escrita e falada através do mecanismo de busca Google e também do *corpus* digitalizado encontrado em www.corpusdoportugues.org.

A partir da amostra constituída, a autora verificou a possibilidade de derivação de um uso a outro, os quais são organizados em padrões funcionais. Bernardo demonstrou, assim, a existência de casos em que, à medida que novas estruturas eram colocadas em uso, os verbos, sob análise, apresentavam, gradativamente, um desgaste semântico, seguindo uma linha unidirecional de desenvolvimento.

Em oposição aos estudos de gramaticalização que, segundo os teóricos demonstram, revelam percursos unilineares quanto ao desenvolvimento de um léxico em que podemos reconhecer pontos e estabelecer derivações entre esses pontos, Bernardo testa a validade da teoria multissistêmica, que nega o processo de derivação.

As discussões tecidas culminam com a formulação de questionamento relativo à direção de mudança assumida pelos itens: *vir* e *virar* percorreriam um caminho unidirecional ou multidirecional de desenvolvimento? A autora apresentou, então,

evidências de que ao mesmo tempo em que há a derivação, apresentando, assim, um desgaste gradativo de desenvolvimento, há também a simultaneidade de processos.

Ainda, com base nos dados expostos, afirmou que o emprego de uma estrutura que permanece fora do âmbito da literatura lingüística também tem empreendido uma trajetória de mudança universal num desenvolvimento muito particular. Trata-se das estruturas que apresentam seqüências verbais, aqui rotuladas de serialização verbal, em que o verbo que ocupa a primeira posição da sentença apresenta-se quase ou totalmente dessemantizado, podendo assumir uma categorização sintática de VERBOS QUASE-SERIAIS ou de VERBOS SERIAIS.

Em outra empreitada analítica sobre gramaticalização de verbos, Santos (2008) analisou o processo de mudança que envolve o verbo *tirar*, sobretudo na construção “tirar-que”, no português culto de São Paulo do século XX. Ainda que autora aprofunde a investigação em direção aos processamentos mentais envolvidos – e o que se demonstrou altamente relevante para explicar os deslizamentos semânticos sofridos – aqui nos restringiremos a discutir a primeira etapa do trabalho, que consiste na identificação de padrões funcionais de “tirar”; a partir do que a autora discutiu estágios de gramaticalização.

O *corpus* com o qual Santos lidou foi composto por amostras do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (NURC/SP). As análises tomaram como base as acepções de “tirar” encontradas em Houaiss (2001) e a escala de abstratização de categorias cognitivas: pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade (Heine, Claudi e Hünemeyer, 1991). Segundo essa escala, a mudança se daria sempre da esquerda para a direita, do mais concreto para o mais abstrato.

Santos consegue um número razoável de dados (46 ocorrências) de “tirar”, cujos padrões funcionais foram sendo organizados de acordo com as categorias cognitivas da escala exposta anteriormente. Leiamos alguns exemplos que se enquadram na categoria processo:

1- *processo* de duração pontual com repetição de ações. Seleciona a categoria *objeto*. esse médico veio... e com uma::... pinça de::... para tirar sobrancelhas e com uma agulha de:: aliás minto... foi com uma tesoura de bordado ele tirou os pontos na cama (NURC/SP DID 208, L 508-513)

2- *processo* resultado de um conjunto de ações. Seleciona a categoria *objeto*. está com um roupão lá um calor tremendo aí você tira a gravata tira isso... chega a tarde aquela chuva aquele frio... (NURC/SP D2 62, L 36-38)

3- *processo* não-físico. Seleciona a categoria *tempo*. então eu faço esse serviço de de visitas... até mais ou menos o meio-dia que é o horário de almoço... depois eu tiro aí um:: uma hora e meia... duas horas para almoçar... (NURC/SP D2 62, L 104-107)

Notemos que o tipo de processo e a categoria cognitiva selecionada interferem no grau de abstratização de “tirar”. Sendo que o emprego feito no exemplo de número 1 é [+concreto]; diferentemente ocorre no exemplo de número 3, em que o emprego revela-se [+abstrato] em relação aos padrões anteriores. A unidirecionalidade de abstratização empreendida pôde, assim, ser comprovada neste trabalho de Santos também.

Os trabalhos prévios sobre gramaticalização de verbos permitem a confirmação de uma direção única de mudança e servem de pistas para que chequemos esse continuum no comportamento do item *esperar*.

CAPÍTULO II

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Por meio deste capítulo, apresentamos informações de cunho metodológico atinentes ao encaminhamento da pesquisa relatada nesta dissertação. É nossa intenção explicitar o percurso assumido durante a pesquisa nas várias fases: na escolha do *corpus*, no tratamento dos dados e mesmo nos critérios elencados para dar conta dos questionamentos explicitados durante o enquadramento teórico.

2.1- REUNINDO UM *CORPUS*: A COMPOSIÇÃO DAS AMOSTRAS

Vários são os estudos que comprovam as mudanças gramaticais ocorridas no português do Brasil. Na cidade de São Paulo, especificamente em relação ao falar culto, é constatada a incorporação de inovações gramaticais pela norma culta que, as quais primeiramente tidas como erros, passam posteriormente a ser vistas como usos comuns da língua escrita formal.

Essa alteração no estatuto de itens e estruturas lingüísticas pode ser percebida, por exemplo, com a evolução do verbo '*esperar*', contudo os preceitos gramaticais insistem em deslocar essas inovações para o plano da língua falada descuidada e popular.

Apesar de ser considerado pela gramática normativa um verbo pleno, num simples levantamento de dados de oralidade e até mesmo de escrita, é possível constatar que esse

verbo é freqüentemente empregado como verbo quase-auxiliar e também como um marcador conversacional ‘*espera aí*’.

O estudo do processo de gramaticalização possibilita a descrição dessas alterações não tão discretas em termos de sua gradualidade de usos e também em termos de especialização em modalidades. Alguns questionamentos, então, emergem dessas constatações: Quais as categorias frágeis nesse processo de mudança? A variedade culta de São Paulo tem incorporado construções inovadoras, como, por exemplo, marcadores conversacionais ‘*espera aí*’? É possível explicar as mudanças gramaticais identificados pela movimentação social?

Derivado do trabalho do subprojeto “O Português culto de São Paulo – do século XX ao XXI”, vinculado ao Projeto Temático “História do Português Paulista (PHPP – processo Fapesp 06/55944-0-2006-2009 – Projeto Caipira)” foi constituída uma Amostra⁵ do português culto paulistano, com o fim de compor um retrato do português falado culto na cidade de São Paulo. Esse material reúne amostras de língua falada por pessoas que fizeram parte da história da docência na Universidade de São Paulo e de outras instituições educacionais e culturais importantes para o cenário paulistano. Esse primeiro registro (denominado contato) foi parcialmente fonte de dados recolhidos para este estudo.

Além dessa Amostra, constitui-se também como alvo de análise materiais oriundos do acervo do Projeto NURC/SP (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo), do acervo do CAPH (Centro de Apoio à Pesquisa em História/FFLCH-USP), constituído por entrevistas concedidas por professores da Universidade de São Paulo, duas

⁵ A Amostra de recontato, ideal para responder a alguns questionamentos, não pôde ser levada a cabo, dado que os informantes do primeiro contato já não mais se encontravam com vida no momento da tentativa do segundo contato.

palestras proferidas por professores da Universidade de São Paulo em Seminários digitalizados pelo Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA) e material oriundo do PHPP (Projeto de História do Português Paulista – Projeto Caipira). Excetuando a amostra Nurc, registrado na década de 70 do século XX, as demais constituirão a amostra de tendência a fim de propiciar um lapso de tempo suficiente para checar a emergência de usos inovadores.

a) Amostra NURC/SP

Os materiais provenientes do acervo NURC reúnem registros de fala com informantes dos sexos feminino e masculino, com nível superior de escolaridade, nascidos na cidade de São Paulo ou residentes aí desde os cinco anos de idade, filhos de nativos de língua portuguesa, de preferência nascidos no estado de São Paulo. Os informantes foram distribuídos em três faixas etárias:

- *1ª faixa etária: de 25 a 35 anos de idade (30%);*
- *2ª faixa etária: de 36 a 55 anos de idade (45%);*
- *3ª faixa etária: mais de 56 anos de idade (25%).*

Quanto à natureza, as gravações foram divididas em três tipos, tal como organizado pela equipe original do Projeto Nurc:

- *1º - Diálogo entre dois informantes (D2): 160 horas (40%);*
- *2º - Diálogo entre o informante e o documentador (DID): 160 horas (40%);*
- *3º - Elocuções Formais (EF): 40 horas (10%).*

b) Amostra CAPH

A segunda amostra, oriunda do CAPH (Centro de Apoio à Pesquisa em História/FFLCH-USP), constitui-se de gravações concedidas por professores da Universidade de São Paulo em situação formal.

Foram analisadas, nesta pesquisa, sete gravações registradas em fitas cassetes em meados das décadas de 70 e 80. Os informantes, cujas entrevistas foram analisadas são os seguintes: *Prof. Dr. Célio da Silva Chaves, Profa. Dra. Maria Conceição Vicente Carvalho, Prof. Dr. Alfredo Bosi, Prof. Dr. Ruy Galvão de Andrada Coelho, Profa. Dra. Maria Isaura de Pereira Queiroz, Prof. Dr. José Ribeiro de Araújo Filho e o Prof. Dr. Mario Capello.*

c) Amostra IEA

A terceira amostra constitui-se de palestras gravadas durante dois Seminários. Tais palestras foram proferidas por professores da Universidade de São Paulo a convite do IEA (Instituto de Estudos Avançados da USP). Esses materiais hoje integram o acervo digitalizado de midiateca do referido Instituto.

Os materiais selecionados para compor a amostra desta pesquisa são os seguintes:

1. Raymundo Faoro, Intérprete do Brasil (vídeo)

Expositores: Gabriel Cohn (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP) e Alfredo Bosi (vice-diretor do IEA)

Coordenadores: Carlos Guilherme Mota (IEA, Escola de Direito de São Paulo da FGV e Universidade Presbiteriana Mackenzie) e Ary Oswaldo Mattos Filho (Escola de Direito de São Paulo da FGV)

Data: 27 de abril de 2006

Duração: 2h48min

2. **Tradição e Renovação na Universidade** (vídeo)

Expositor: Antonio Candido (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP)

Data: 12 de abril de 2005

Duração: 19min

d) Amostra PHPP

Essa amostra foi elaborada a partir de um trabalho solicitado aos alunos do IELP, sob orientação da Prof^a Dra. Maria Célia Lima-Hernandes, que por sua vez está vinculada ao Projeto História do Português Paulista / Projeto Caipira.

Esse material está organizado da seguinte forma:

- a) 13 entrevistas de DID, sendo 07 do sexo feminino e 06 do sexo masculino,
- b) 03 elocuções formais, sendo 01 do sexo feminino e 02 do sexo masculino;
- c) 01 ,diálogo entre dois informantes, sendo 01 do sexo feminino e outra do

masculino.

Reunimos essas amostras em um *corpus*-base desta pesquisa, conforme segue:

	HOMEM	MULHER	TOTAL
CAPH	05	02	07
IEA	02	00	02
NURC	14	13	27
PHPP	09	09	18
TOTAL	30	24	54

QUADRO II: AMOSTRAS QUE COMPÕEM O *CORPUS*

2.2- IDENTIFICANDO E SELECIONANDO OS DADOS

Após a composição do *corpus*, procedemos à identificação de ocorrências do verbo *‘esperar’* em suas variadas formas de manifestação funcional. Para cada ocorrência identificada, foi selecionado um trecho suficiente para dar conta do contexto discursivo explicativo.

Feita a seleção, procedemos à separação dos padrões funcionais, previamente a redação desta dissertação, em estudo-piloto, avaliados. Tratar de padrões funcionais implica muito mais do que a simples categorização por classes de palavras, implica, na verdade, um trabalho de combinação dos critérios CLASSES e FUNÇÕES desempenhadas em cada contexto identificado.

Não é incomum que o pesquisador funcionalista volte ao exercício de ouvir as gravações das entrevistas, em nosso caso registradas em fita cassete, para melhor precisarmos a manifestação de pausas, alongamentos, gaguejos, que sempre auxiliaram a delimitar e descrever melhor uma função.

Como alegamos anteriormente, durante seis meses antes de lidar com o português paulista, cujas amostras estavam sendo reunidas, desenvolvemos um estudo-piloto com amostras já disponíveis no *site* da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Torna-se, assim, imprescindível que conheçamos o encaminhamento metodológico desse estudo, pois dele derivam critérios importantes para a determinação de padrões funcionais do verbo ‘*esperar*’ na empreitada assumida com amostras paulistas. Esta é a razão por que o estudo-piloto será apresentado nesta seção em que tratamos de aspectos metodológicos: foi o estudo-piloto fundamental para nossas escolhas nesta nova etapa.

2.3- O ESTUDO-PILOTO COM O DIALETO CARIOCA

O estudo-piloto foi desenvolvido em 2006 e nos referiremos a ele como “Santos (2006)”. Nele, baseamo-nos na amostra de Recontato (Amostra 00)⁶ do PEUL.

Como já relatado anteriormente, trabalhar, previamente, com o dialeto carioca justificava-se pela ausência, à época da proposição do projeto, de uma amostra confiável do português paulistano⁷. Não podemos nos furtar a esclarecer que já contávamos, à época, com o material do NURC/SP, mas de posse das fichas dos informantes percebemos que não se tratavam todos de paulistanos. Alguns, a despeito de ser paulistas, não eram paulistanos. Aproveitamos parcialmente esses materiais, portanto. E a recomposição do *corpus* demandaria tempo excessivo, o que alargou o tempo total da pesquisa para seis meses.

⁶ Trata-se de uma amostra de língua falada registrada em forma de entrevistas semicontroladas por pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os informantes, gravados previamente 20 anos antes, com roteiro de perguntas similar, voltam a ser registrados. Os objetivos que guiavam a constituição de tal amostra assentavam-se em questionamentos sobre a mudança da gramática na fala de um mesmo indivíduo, o que auxiliaria a refutar ou a ratificar os pressupostos básicos da teoria clássica do tempo aparente.

⁷ O grupo de pesquisa “Mudança Gramatical no Português – Gramaticalização”, grupo a que nos vinculamos cientificamente, iniciava seus trabalhos de gravação e transcrição de uma amostra legitimamente paulistana.

Os resultados da análise dos dados oriundos da amostra do português carioca deram-nos pistas acerca dos empregos estratificados entre falantes de nível fundamental, médio e superior. Isso somente foi possível porque na base de dados estavam reunidas 16 entrevistas diversificadas temática e socialmente:

FALANTES	IDADE	ESCOLARIDADE	SEXO
E59	25	MÉDIO	F
A57	26	FUND.2	F
A63	28	UNIV.	F
F23	33	MAG.	F
S39	33	UNIV.	F
J06	35	FUND.1	F
L38	36	UNIV.	M
L04	43	FUND.1	F
D42	48	MÉDIO	M
J26	48	FUND.2	M
E43	59	MÉDIO	F
M48	70	MÉDIO	F
J03	74	FUND.1	M
N36	74	FUND.2	F
J35	75	FUND.1	F
A33	77	FUND.1	M

QUADRO III: INFORMANTES PEUL/UFRJ – RECONTATO/AMOSTRA 00

Procedemos, então, a uma análise lingüística e observamos que, de um total de 55 ocorrências do verbo ‘*esperar*’, 31 (56,37 %) eram empregadas com complementos em seu valor concreto, conforme exemplo (16); e 21 (38,18 %) eram empregados em seu valor abstrato, conforme exemplo (17). Restaram desses subtotais 3 (5,45 %) ocorrências cujos complementos eram inferidos de conversa anterior, por isso a não-necessidade de repeti-los, tal como demonstrado no exemplo (18).

(15) Se teu carro falhar, tu bota ele no meio fio e deu, né? Sai e *espera* o reboque ... O avião num tem essa chance. (PEUL/RJ, R07)

(16) Eu *espero* o momento de tá formado como engenheiro. (PEUL/RJ, R07)

(17) Pra você tê filho assim, e deixá com os outro. *Peraí!* Minha mãe já me criou. Ainda vô deixá filho com os outro. (PEUL/RJ, R01)

Com relação aos complementos concretos, apresentaram-se divididos entre as seguintes categorias: orações subordinadas indicando processo [2]; advérbios indicando tempo [4]; sintagmas nominais semanticamente vinculados às categorias de pessoa [5] e de tempo [1] explícitos, e pessoa [9], objeto [5], processo [4] e espaço [1] implícitos. Esses casos são exemplificados, respectivamente, a seguir:

(18) processo: aí eu peço, aí a pessoa diz que mandô, aí eu tenho que ficá *esperano*, *espero* uns três dias. “ó, num chegô”. (PEUL/RJ, R03)

(19) tempo: Você, antigamente, você ficava aí *esperando* vinte anos.... (PEUL/RJ, R13)

(20) pessoa: Então eu tô *esperando* eles ... queria até que eles acabassem logo porque tá desde ... olha, a primeira data que começô o boato assim de acabá foi abril do ano passado. (PEUL/RJ, R03)

(21) objeto: Quando chegava minha mãe tava me *esperando* na porta. (PEUL/RJ, R06)

(22) processo: aí eu peço a pessoa diz que mandô, aí eu tenho que ficá *esperano*... (PEUL/RJ, R03)

(23) espaço: tem que *esperá*. Agora, se Nostradamus tava nessa de que o mundo acabou, ele se ferrou, né? (PEUL/RJ, R04)

Com relação aos complementos abstratos, os dados apresentaram-se divididos na categoria de sintagma nominal implícitos com valor de pronome [10], tempo [1] e de espaço físico [1]. Vejamos os exemplos que podem ilustrar categorias cognitivas diferentes:

(24) tempo: Não sei se as crianças me acompanhariam, então teria que *esperá* o momento. (PEUL/RJ, R04)

(25) processo: Olha, eu não *esperava* nada quando eu fui, né. (PEUL/RJ, R11)

(26) espaço físico: ah, não, nunca acontece com a gente, só com os outros, eu *espero*, né? (PEUL/RJ, R07)

Esses resultados conduziram nossa análise para a apreensão do seguinte fato: quando abstratos, os complementos têm tendência à codificação de *processo* por meio de sintagmas nominais, enquanto os concretos tendem a codificar *pessoa* também por meio de sintagmas nominais. Vale ressaltar que os concretos apresentaram-se mais recorrentes do que os abstratos de forma geral. Provavelmente, isso possa se dever à seqüência tipológica do texto, como argumentou Barroso (2008) anteriormente. Segundo o autor haveria um paralelo entre o tipo de seqüência textual e o tipo de item a seu serviço: se mais concreto (narração e descrição) ou mais abstrato (dissertação, argumentação) demandará itens com esses traços também.

Perguntamo-nos, num momento seguinte, se haveria algum tipo de material interveniente entre o verbo '*esperar*' e seu complemento. Queríamos, com esse procedimento, separar as ocorrências que pudessem ter se gramaticalizado em estrutura volitiva (*espero que*) e também notar o nível de recorrência de estruturas seguidas de dêiticos (*espera + aí*). De um total de 55 ocorrências, 21 [38,18 %] não se aplicavam ao contexto focalizado, por não envolverem complementos. Somente 12 [21,81%] eram seguidos por uma aparente conjunção e geravam o sentido de volição. Os exemplos (28) a (30) referem-se ao primeiro caso e somente o exemplo (31) refere-se ao caso mais abstratizado:

(27) Mas, mas de lá ela vai ligá pra você, fica *esperano*. Olha só, eu já falei com você que é a Jaqueline. (PEUL/RJ, R06)

(28) Dá licença! Já vai, já vai, se você *esperá* eu já vou te atendê. (PEUL/RJ, R04)

(29) às vezes eu num quero ser grosso sabe? [mas] ... mas às vezes num adianta é o momento que podia tê falado que isso depois, ah, tu podia tê falado, não, *espera*, depois eu te conto”. (PEUL/RJ, R07)

(30) *Espero* **que** realmente seja o que ele é. (PEUL/RJ, R02)

Numa tentativa de reorganizar os dados de modo diferente, obedecendo a uma orientação um pouco mais cognitiva, classificamos os dados segundo a proposição organizatória de categorias cognitivas de Heine, Claudi & Hünemeyer (1991). Feita a classificação, ainda assim os resultados não permitiam alguma observação mais geral. De qualquer modo, notamos que uma maior produtividade demonstrou-se associada à categoria processo.

Essa idéia de alta produtividade da categoria *processo* pode ser explicada pela mudança operada na recategorização: verbo pleno > verbo auxiliar. Assim, a aplicação das categorias cognitivas se, de um lado, não nos permite uma organização mais fina dos dados, de outro, ratifica o deslizamento funcional da categoria verbal: a marcação produtiva de *processo* deriva da categoria primitiva de tempo implicada na ação de *esperar*.

Tratando das questões estratificadoras dos usos lingüísticos, concentramos a primeira análise no *sexo do informante* em correlação ao *grau de escolaridade*. A pergunta que está por trás dessa nova correlação é se esses fatores poderiam organizar mais nitidamente os dados de modo a permitir uma leitura em face dos usuários da língua. Os resultados foram os seguintes:

a) ensino fundamental 1:

- mulheres utilizaram as categorias: processo [1], objeto [1], pessoa [1];

- homens não produziram dados.

b) ensino fundamental 2:

- mulheres utilizaram as categorias: processo [6], tempo [1], espaço [1], pessoa [2];
- homens utilizaram as categorias: processo [1], tempo [2], objeto [2], vazio [1].

c) ensino médio:

- mulheres utilizaram as categorias: processo [6], tempo [1], espaço [1], pessoa [2];
- homens utilizaram as categorias: processo [2], pessoa [1], vazio [0].

d) ensino superior:

- mulheres utilizaram as categorias: processo [6], tempo [1], pessoa [3], vazio [1];
- homens utilizaram as categorias: processo [4], tempo [2], espaço [1], objeto [1], pessoa [3].

Note-se que, quanto às mulheres, a ocorrência de uso das categorias cognitivas *pessoa* e *processo* no complemento é maior do que ocorre nos homens, totalizando 10 usos para a categoria *pessoa* e 17 usos na categoria *processo*; para os homens, esse total corresponde a 4 ocorrências para *pessoa* e 7 para *processo*.

A maior contribuição do estudo-piloto para esta pesquisa foi a ocorrência de padrões variados de uso, o que permitiu agrupar as ocorrências em termos de suas CLASSES/FUNÇÕES, que chamamos neste estudo de padrões funcionais.

CATEGORIAS DE VERBO PLENO

a) ***Esperar 1***: verbo pleno, parafraseável por *aguardar*, *torcer para*, *aguardar no tempo desejando que algo ocorra (mas pode não ocorrer)*. Admite sujeito de variadas pessoas gramaticais e complemento de caráter circunstancial temporal.

(31) Eu queria muito tê um filho, eu *esperei* dois anos de casada. (PEUL/RJ, R01)

(32) eu *espero* o momento de tá formado como engenheiro. (PEUL/RJ, R07)

b) Esperar 2: verbo pleno, parafraseável por *aguardar num local por alguém que certamente chegará*, incorporador de valor temporal. Admite sujeito de variadas pessoas gramaticais e complemento de caráter locativo.

(33) Quando chegava minha mãe tava me *esperando* na porta. (PEUL/RJ, R06)

c) Esperar 3: verbo pleno, parafraseável por *aguardar no tempo por um evento que certamente ocorrerá*. Admite sujeito de variadas pessoas gramaticais e complemento representado pela categoria evento, que sinaliza a duração do tempo de espera expresso na primeira oração.

(34) Olha, com uns quatro meses, eu tava na cama, ia ficá deitado até *esperá* o Daniel nascer. (PEUL/RJ, R07)

d) Esperar 4: verbo pleno, parafraseável por *desejar, expressão de uma volição*. Admite sujeito e complemento oracional. Assume função preponderantemente volitiva. Nota-se na oração integrada pelo verbo esperar uma decategorização semântica, pois embora integre a oração principal, não codifica o principal evento.

(35) *Espero* que no próximo milênio (est) todos se conscientizem disso e busquem o melhor. (PEUL/RJ, R04)

(36) *Espero* que seja melhor do que o antigo, porque se ensinava muito errado antigamente (PEUL/RJ, R07)

CATEGORIA DE VERBO QUASE-AUXILIAR

e) Esperar 5: verbo que toma como complemento outro verbo a serviço do qual está. É parafraseável por *torcer para, ter esperança*. Admite sujeito de variadas pessoas gramaticais e v1 e v2 compartilham um único sujeito, o que permite a reanálise e conseqüente recategorização para verbo quase-auxiliar.

(37) Eu *espero* continuar morando aqui. (PEUL/RJ, R07)

(38) Eu *espero* ser assim. Essa minha vontade de aprender. (PEUL/RJ, R07)

Segundo Neves (2003), em seu Guia de Usos do Português, o item '*esperar*' é usado da seguinte forma:

- Significando 'sofrer adiamento', sem complemento. "Nessa reunião, Figueiredo decidiu que as medidas de emergência não podiam *esperar*".
- Significando 'estar ou ficar à espera de', 'aguardar a chegada de', com complemento sem preposição (objeto direto) ou com complemento iniciado pela preposição *por*. "Eu *espero* a morte"; "Uma manhã *esperou-a*, como de costume, junto à muralha, mas ela não apareceu"; "*Esperei* por um outro miado que não veio".
- Significando 'ter expectativa de', com um complemento sem preposição (objeto direto) oracional. "Como você *esperava* casar comigo"? "*Espero* que a senhora me honre com novas visitas".
- Significando 'ter expectativa de obter', com um complemento sem preposição (objeto direto), podendo ocorrer outro complemento (referente a pessoa) iniciado pela preposição *de*. "Pedia-lhes planos, definições, era como se dissesse, não *espere* nada de mim"; "(...) os flagelados *esperavam* uma solução e um destino".

As mudanças semânticas ocorridas com o verbo '*esperar*' parecem atuar como um passo primeiro para uma nova ordem de mudança pela qual possa vir a passar o elemento em questão. É por esse motivo que podemos pensar no seguinte problema, desencadeador de nossa pesquisa:

*Quais são e de que modo ocorrem as rotas de mudança pelas quais passa o verbo **esperar** no português culto fazendo com que ele caminhe de uma categoria inicial de verbo pleno a uma nova categoria de marcador conversacional?*

Observemos sua recategorização com relevância discursiva na análise desenvolvida a seguir.

CATEGORIA DE MARCADOR CONVERSACIONAL

f) **Esperar 6:** marcador conversacional, sem resquícios da categoria verbal, que pode articular a conversa, sinalizar a mudança de turno ou codificar o estranhamento do falante frente a uma situação ou informação. O sujeito é fixado na 2ª pessoa do discurso.

(39) Pra você tê filho assim, e deixá com os outro. **Peraí**, minha mãe já me criou. Ainda vô deixá filho com os outro. (PEUL/RJ, R01)

(40) Eles botaram lá que pra uma mulher pentear uma peruca oito mil reais. Tu acha isso? **Peraí**, é brincadeira com a cara do povo. (PEUL/RJ, R01)

Notemos que, nesse padrão funcional, o verbo *esperar*, já sob efeito de erosão fônica (indício de acentuado estágio de gramaticalização), liga-se ao dêitico *aí*. Faz todo o sentido pensar que o padrão se fixa na segunda pessoa discursiva e ainda agrega um dêitico que sinaliza a posição ocupada pelo interlocutor, longe do falante. Essa adição de *pera* (= permaneça) + *aí* (= em espaço diferente do que eu ocupo) metaforicamente desliza para “mantenha sua idéia, seu argumento, o fato que me conta longe de mim porque pensamos de modo diverso”.

Na seqüência sintática de **perai** vem um elemento que se contrapõe ideologicamente ao anteriormente relatado. Essa contraposição é lida em nossa interpretação como um

estranhamento do falante face ao que é relatado pelo outro. É um processo de mudança bastante complexo e abstrato.

O quadro adiante sintetiza o conjunto de padrões funcionais identificados a partir da análise desenvolvida com dados do estudo-piloto:

<i>PADRÕES FUNCIONAIS PORTUGUÊS POPULAR CARIOCA</i>		
<i>VERBO PLENO</i>	<i>VERBO QUASE- AUXILIAR</i>	<i>MARCADOR CONVERSACIONAL</i>
ESPERAR 1	ESPERAR 5	ESPERAR 6
ESPERAR 2		
ESPERAR 3		
ESPERAR 4		

QUADRO IV: QUANTIFICAÇÃO DE PADRÕES - PORTUGUÊS CARIOCA

Esse quadro especifica os tipos de critérios que utilizaremos metodologicamente para organizar os dados do português de São Paulo.

CAPÍTULO III

PECULIARIDADES ETIMOLÓGICAS E DISCURSIVAS DO ITEM *ESPERAR*

Uma das técnicas para depreender o traço de persistência semântica ou mesmo sintática de um item que empreende a rota de gramaticalização reside na análise de fontes lexicográficas, cujas acepções podem ser referendadas em exemplos de usos. Mais do que a análise sincrônica de acepções arroladas, o trabalho do analista deve partir de uma comparação etimológica.

Muitos são os autores que defendem a manutenção de um traço etimológico proeminente ou distintor. Reconhecer o traço etimológico, contudo, não é tarefa tão simples quanto parece. Muitas vezes o traço etimológico é depreendido da análise dos exemplos referendadores. Aqui, procederemos a uma análise dos traços etimológicos persistentes a partir de Bluteau e de Machado, conforme segue.

- **Esperar, ter esperança.** *Sperare*, (o, avi, atum). *Spem habere*. Cic. “O que certamente não *espero*. *Quod nullâ equidem habeo in spe*. Cic”. **Esperar. Aguardar. Estar esperando por alguém.** *Aliquem expectare*, Cic. (etum, avi, aetum). *Aliquem opperiri*. Terent. Cic. (rior, opertus, fum). *Aliquem praefolari*. Terent. Plaut. *Alicui praefolari*. Cic. (praefolor, (penult. breve) praeflotatus. fun). “*Espero, que me digais, o que quereis, que faça*”. *Expecto, quid velis*. Terent. **Fazer esperar. Retardar.** *Morari, remorari*, (or, atus, fun). *Com accufat. Detimere aliquem. Effe in morâ alicui*. Cic. Terent. “*Muito tempo há, que elle me faz esperar hum jantar*”. *Jam dudum dedit mihi expectationem convivi*. Cic. **Esperar. Prometer alguma coufa. Imaginar, que alguma coufa há de fucceder.** *Expectare, ou sperare*. “*Tudo delle fe espera*”. *Omnia ab illo expectantur*. Cic. (BLUTEAU, 1712-1728)
- **Verbo do latim *sperāre***, (esperar, aguardar). Em 1534: “(...) e se nam no *espereis*”. Antes empregava-se *asperar*, séc. XIII, “(...) por nunca seu bem *asperar*”, chegando ao séc XV, “(...) sentir omildade em nos vertuosas e *asperar* em na misericrodia de Deus” (MACHADO, 1967)

O registro mais antigo em dicionários de língua portuguesa está em Raphael Bluteau (1712-1728). As acepções arroladas assemelham-se ao sentido pleno do verbo, com sentido de *aguardar*. Mesmo à época de Cícero, o verbo '*esperar*' já era utilizado com sentido de *ter esperança*, até mesmo deixando sua marca de pleno e chegando à função volitiva.

Já no dicionário de Machado (1967), o verbo '*esperar*' é evidenciado somente com seu sentido pleno de *aguardar*. Dando ênfase também ao uso do verbo com o prefixo *as-*, ao contrário do prefixo *es-*, utilizado atualmente. E no exemplo apresentado do século XIII o valor volitivo revelava-se.

Cunha (1987), mais preocupado com a datação gráfica das formas, inicia o verbete com sua acepção de *aguardar*, que é mais básica em relação a *aguardar com esperança*, *com fé (confiar)*, mas pouco mais pode nos dizer a respeito dos valores semânticos existentes em cada época arrolada:

- Esperar, verbo, (aguardar, confiar, ter esperança) / XIII, *asperar* XIV / do latim *sperāre* // *DESesperAÇÃO* / XVI, *desesperação* XIV etc. // *DESesperADO* / XIV, *desesperado* XIII etc. // *DESesperADOR* 1899 // *DESesperANÇA* / *desesperança* XIII // *DESesperar* / XV, *desasperar* XIII, *desperar* XIII // *DESesperO* 1844 // *espera* 1813 *esperANÇA* / XIII, *as* – XIII // *esperANÇ.ADO* 1813 // *esper ANÇ.AR* 1813 // *esper ANÇ.OSO* 1813 // *esperANTO* sm. 'língua artificial' XIX De *esperi* '*esperar*', pseudônimo do seu criador, o Dr. Zamenhof (1859-1917), que o propôs em 1887 // *esperÁVEL* 1813. Do lat. *spērābilis-e* // *INesperADO* 1844 (CUNHA, 1987).

Recorremos, por último, a Houaiss e Villar (2001), que associam ao verbo '*esperar*' os valores de *aguardar*, *ter esperança*, *contar com*, *ter confiança de que*.

Procedemos, então, à elaboração de um quadro sinóptico que demonstrasse a ordem de inclusão das acepções dentro de cada dicionário. Tomamos como base a comparação das acepções (mais amplas) de Houaiss e Villar (2001).

ACEPÇÃO	Bluteau	Machado	Cunha	HouaissVillar
Aguardar	2	1	1	1
Ter esperança	1		3	2
Estar esperando por alguém	3			
Fazer esperar	4			
Retardar	5			
Prometer alguma coisa	6			
Contar com				3
Ter confiança de que				4
Imaginar que alguma coisa há de suceder	7			
Confiar			2	

QUADRO V – RESUMO COMPARATIVO DAS ACEPÇÕES EM DICIONÁRIOS

Note-se que entre a publicação do primeiro (MACHADO, 1967) e do segundo (CUNHA, 1987) há um espaçamento de 20 anos; e deste para o de Houaiss (2001), mantém-se um período de 14 anos. Esse distanciamento é de grande valia, pois possibilita perceber a expansão ou retração dos sentidos dicionarizados na língua portuguesa. Foi percebido na tabela acima, uma ampliação sistemática dos sentidos atribuídos ao verbo *‘esperar’* no decorrer dos anos, o que comprova os deslizamentos semânticos operados pelos falantes.

Os deslizamentos funcionais já foram alvo de discussão no capítulo anterior, quando discutíamos e organizávamos os dados do estudo-piloto desenvolvido com o português carioca. Vimos que cada um dos padrões funcionais passa a integrar uma nova regra variável, ou seja, perdem a capacidade de ser associados funcionalmente ao item-fonte (verbo pleno). Passam, assim, a concorrer com itens de outros domínios funcionais, não

mais admitindo a paráfrase original do verbo ‘*esperar*’. Daí projetarmos como trabalho necessário, neste momento, a identificação do espectro que compõe cada regra variável instaurada com esses desligamentos funcionais.

3.1 PRINCÍPIO DA ESTRATIFICAÇÃO – IDENTIFICANDO REGRAS VARIÁVEIS

Como dito anteriormente, (no capítulo II), Hopper (1991) propõe cinco princípios que regem o processo de gramaticalização (estratificação, divergência, especialização, decategorização e persistência). Trataremos a seguir, o princípio da estratificação, utilizando-nos dos padrões funcionais estabelecidos neste trabalho e identificando regras variáveis encontradas no corpus do PHPP⁸.

a) ***Esperar* 1**: verbo pleno, parafraseável por *aguardar*, *torcer para*, *aguardar no tempo desejando que algo ocorra (mas pode não ocorrer)*. Admite sujeito de variadas pessoas gramaticais e complemento de caráter circunstancial temporal.

(41) **L2**: e essas próprias investigações são meio duvida...duvidosas né? Para serem colocadas em cheque/as vezes...não sei

L1: é...então vamos *esperar* e ver o que acontece...mas isso é muito estressante ((desânimo)) (DID, F, 74)

(42) “eu não tive assim GRAndes problemas o único problema que eu:: que eu tive vamos dizer... eu tive mas não tive assim no fundo não é... quando eu trabalhei um ano e meio

8 – corpus do PHPP (Projeto da História do Português Paulista; LIMA-HERNANDES, Maria Célia, VICENTE, Renata Barbosa e SAMPAIO, Rogério Menale, Entrevista (orgs.)

em/uma empresa chamada FASE... é federação da... associação da... voltada para a (atividade) social... então... nessa:: organização qual era o trabalho da gente... eu fui diretor dessa:: agremiação aqui em São Paulo... São Paulo Paraná e Mato Grosso né... eu respondia por isso daí... viajava muito... então você na::... nesse naquela época as comunidades base que chamavam... você procurava orientar as pessoas para poder não é... cresCER se desenvolVER não ficar só *esperando* o Estado”(DID, M, 130)

b) Esperar 3^o: verbo pleno, parafraseável por *aguardar no tempo por um evento que certamente ocorrerá*. Admite sujeito de variadas pessoas gramaticais e complemento representado pela categoria evento, que sinaliza a duração do tempo de espera expresso na primeira oração.

(43) “a palestra de hoje teve por objeto a configuração física da América do Sul tratou de tudo que se poderia relacionar com os trabalhos geológicos e geográficos... para os quais Agassis *espera* uma assistência eficiente de seus JOvens auxiliares” (EF, M, 187)

c) Esperar 4: verbo pleno, parafraseável por *desejar, expressão de uma volição*. Admite sujeito e complemento oracional. Assume função preponderantemente volitiva. Nota-se na oração integrada pelo verbo esperar uma decategorização semântica, pois embora integre a oração principal, não codifica o principal evento.

(44) **L1:** eu acho que é isso... né... eu acho que já deu... e:: ... olha agente queria te agradecer MUIto viu... você é MUIto bacana

L2:

[
imagina

L1: muito simpática...

9 - o uso da alternância na numeração dos padrões funcionais identificados, é devido a não ocorrência dos padrões funcionais esperar 2 e esperar 5, no corpus do PHPP.

L2: ai... brigada... brigada

L1: *espero* te ver aqui na faculdade... na universiDAde novamente..(DID, F, 177)

d) Esperar 8: marcador conversacional, sem resquícios da categoria verbal, que pode articular a conversa, sinalizar a mudança de turno ou codificar o estranhamento do falante frente a uma situação ou informação. O sujeito é fixado na 2ª pessoa do discurso.

(45) **L1:** e o que estaria em primeiro lugar é a formação dos professores cuidar da formação dos professores mas junto com isso se a gente não dá um salário conveniente o professor não não se estimula não tem como não é... e aí então ouvi muita gente () que dizia “Por aquilo que eles fazem eles estão ganhando até muito bem” *espera lá* se você parte de um princípio desse nunca você vai melhorar a educação..(DID, M, 129)

(46) **L2:**... nós fomos nos pontos turísticos mais famosos e:: ... no caso da França agente foi pro interior ali uma região chamada... ... como é que é lá éh::calma aí que eu vou lembrar... ..ai menina a minha cabeça... ..*espera aí*.. ..é:: ... onde tem onde são os castelos na região dos castelos... então no interior da França... interior que eu digo é no interior do país (DID, F, 175)

3.2. ESTATUTO DISCURSIVO

A necessidade de o falante marcar estratégias interativas, com o objetivo de reorganizar o fluxo de suas idéias e ao mesmo tempo tentar deixar o ouvinte ciente de sua atitude de fala, é o que costuma gerar *marcadores conversacionais*. O que discutiremos a seguir é o que são estes marcadores e o que se tem registrado sobre eles. Trata-se de um resgate imprescindível para que compreendamos a rota de mudança operada com o verbo *esperar*.

Said Ali ([1930] 1971) pode ser considerado um dos precursores na análise das marcas discursivas da oralidade, antes mesmo de estudos específicos referentes à língua oral e seus elementos caracterizadores. Ele denominava as marcas discursivas como sendo “expressões de situação”. O autor destaca como características destas expressões:

- a) são palavras, expressões ou frases da língua falada;
- b) têm funções discursivas importantes;
- c) não fornecem, em si, muitas informações;
- d) estão ligadas às intenções do falante;
- e) o contexto conversacional é que as determina.

Além de Said Ali, no Brasil, há vários estudos recentes sobre marcadores. Há os que denominam o objeto em questão como Marcadores Conversacionais, como Marcuschi (1989), Macedo e Silva (1996) e Urbano (1997); e os que adotam a nomenclatura de Marcadores Discursivos, como Castilho (1989), Risso *et al.* (1996), Martelotta *et al.* (1996), dentre outros. Nesta pesquisa, adotaremos a nomenclatura de Marcadores Conversacionais.

Segundo Marcuschi (1986, *apud* Andrade, 1990), os marcadores conversacionais são divididos em dois grandes grupos, de acordo com sua fonte de produção: a) sinais do falante; e b) sinais do ouvinte. A autora elabora um quadro em que pretende dar uma visão geral dos tipos de marcadores verbais.

QUADRO DOS SINAIS CONVERSACIONAIS VERBAIS						
SINAIS DO FALANTE (orientam o ouvinte)				SINAIS DO OUVINTE (orientam o falante)		
Pré posicionados		Pós posicionados		Convergentes	Indagativos	Divergentes
<i>Início de turno, exemplos:</i>	<i>Início de unidade comunicativa, exemplos:</i>	<i>Final de Turno, exemplos:</i>	<i>Final de unidade comunicativa exemplos:</i>	<i>exemplos</i>	<i>exemplos</i>	<i>exemplos</i>
<i>olha, veja, bom, mas eu, eu acho, não, não, epa, Peraí, certo, mas sim, sei, mas quanto a isso, nada disso, você esquece, como assim?</i>	<i>então, aí, daí, portanto, agora veja, porque, e, mas, assim, por exemplo, digamos assim, quer dizer, eu acho, como vê</i>	<i>né, certo? viu? entendeu? sacô? é isso aí que acha? e então? diga lá é ou não é?</i>	<i>né, não sabe? certo? entende? de acordo? tá? não é?</i>	<i>sim, ahâ, mhm, claro, pois não, de fato, claro, claro isso, ah sim, ótimo, taí</i>	<i>será, não diga, mesmo, é? ué como? como assim? o quê?</i>	<i>não, duvido, discordo, essa não nada disso, nunca, Peraí, calma</i>

QUADRO VI

De acordo com Andrade (1990), em princípio, um elemento de qualquer classe gramatical e forma sintática pode funcionar como marcador conversacional. Percebe – se, então, que, não é através da classe gramatical que se identifica os marcadores conversacionais e sim, através da função que essa forma vem a exercer na interação.

Marcuschi (1986, *apud* Andrade 1990) também procura sistematizar as formas sintáticas em classes de marcadores conversacionais no português brasileiro, subdividindo – os em quatro grupos:

1 – **Marcador conversacional simples:** realiza – se com um só lexema ou paralexema, como: interjeição, advérbio, verbo, adjetivo, conjunção, pronome, etc.

2 – **Marcador conversacional composto:** apresenta caráter sintagmático com tendência à estereotipia e com pouca variação morfológica no tipo produzido.

3 – **Marcador conversacional oracional:** pequenas orações que podem se apresentar em todos os tempos e formas verbais ou modos oracionais (assertivo, indagativo, exclamativo). Fazem parte deste tipo os marcadores de caráter estritamente semântico e pragmático, como: paráfrases, resumos, repetições de frases curtas, etc.

4 – **Marcador conversacional prosódico:** tipo de marcador realizado com recursos prosódicos e geralmente produzido com algum marcador verbal. Fazem parte deste grupo: e entonação, a pausa, a hesitação, o tom de voz, etc.

Traugott (1995), outra autora que também trata a cerca dos marcadores conversacionais cita que, “os marcadores conversacionais têm relação pragmática e costumam marcar as relações entre a sequencialidade das unidades dependentes do discurso”. Vale salientar que, esse caráter pragmático que Traugott atribui aos marcadores conversacionais é de ordem mais textual e não interacional.

Os marcadores conversacionais, segundo Urbano (1997), podem ser conceituados como “elementos que não estão diretamente ligados ao conteúdo do texto, mas à significação discursivo-pragmática da língua falada”. O objetivo é, portanto, “atar” o texto não só quanto aos aspectos cognitivos, mas também no processo de interação entre os falantes (locutor/interlocutor), pelo fato de exercerem um papel interacional no discurso.

Urbano (1997) ainda considera os marcadores, no discurso oral, como verbais e não-verbais. Os verbais auxiliam na conversação, pois buscam evitar a aglomeração de vocábulos que podem tornar o texto confuso e assim permitir sua melhor fruição. Os não-verbais são os gestos, as pausas, o olhar, que auxiliam na manutenção discursiva.

Castilho (1989) considera que os marcadores conversacionais têm uma função que é comum a todos eles, a hiperfunção textual. Desta, Castilho deriva duas outras funções para os marcadores conversacionais, com base em Halliday (1985): a interpessoal e a ideacional.

A primeira função citada serve para administrar turnos conversacionais e manter interação falante/ouvinte; na segunda, os falantes buscam negociar o tema que será abordado, mostrando a relação da experiência do falante com o mundo real e o mundo interno de sua consciência.

Levando-se em conta sinais do falante e do ouvinte, nas funções conversacionais os marcadores dividem-se de acordo com a fonte de produção. Os sinais do falante servem para sustentar o turno, preencher pausas, organizar o pensamento, ordenar e reorientar o discurso. Os sinais do ouvinte servem para orientar o falante, marcando a posição pessoal do ouvinte, concordando, discordando, solicitando esclarecimento.

Risso *et alii* (1996) adotam a nomenclatura de marcadores discursivos e buscam estabelecer alguns elementos esclarecedores da natureza e das propriedades desses importantes mecanismos que fazem parte do que eles chamam de organização textual-interativa:

a) são mecanismos verbais que podem incidir nas relações interpessoais, ou seja, de interação, quando o foco não incide sobre este;

- b) atuam na atividade enunciativa, não integram o conteúdo proposicional dos enunciados em que ocorrem;
- c) tendem a ter transparência semântica parcial ou opacidade total, pois são usados fora do seu valor lexical ou gramatical;
- d) quanto ao aspecto sintático são independentes, haja vista que não organizam a estrutura interna de uma oração;
- e) possuem uma demarcação prosódica, ou seja, tendem a ser demarcados por pausas ou outros traços prosódicos, como o rebaixamento do tom da voz;
- f) geralmente não constituem por si só enunciados, são não-autônomos;
- g) suas formas são reduzidas a uma ou duas palavras ou um limite de três sílabas;
- h) os marcadores geralmente têm alta frequência e recorrência no texto;
- i) os marcadores conversacionais normalmente possuem formas mais ou menos fixas, não têm variações fonológicas, flexionais, sintagmáticas, seriam fórmulas que já estão prontas ao serem usadas nos contextos discursivos.

A definição de marcadores conversacionais como elementos que envolvem macrofunções discursivas, é instituída por Macedo e Silva (1996), haja vista que eles organizam o discurso internamente, mantêm a interação dialógica e garantem o processamento da fala na memória. Eles também propõem uma classificação destes marcadores considerando o sentido, a posição e a função no discurso:

- a) iniciadores de turnos: *ah, bem, olha*;

- b) requisitos de apoio discursivos: usados para certificar a atenção do interlocutor, ocorrem, normalmente, em finais de enunciado: *né?! tá!? viu!?*
- c) redutores, evitam uma postura autoritária do locutor, como: *eu acho*;
- d) esclarecedores, que tentam resumir ou esclarecer partes do discurso: *peráí, isto é*;
- e) preenchedores de pausa, evitam o silêncio enquanto a seqüência de fala é preparada: *assim, hãã, é...*;
- f) seqüenciadores, dão seqüência ao discurso: *aí, então*;
- g) resumidores, sintetizam o que considera ser do conhecimento do interlocutor: *e tal, e tudo*;
- h) argumentadores, iniciam uma argumentação que geralmente é contrária ao discurso precedente: *agora, é mas, sim mas*;
- i) finalizadores, fecham o turno de um falante: *então tá, tudo bem, é isso aí*.

Martelotta *et alii* (1996) e Martelotta (1998) dizem que os marcadores conversacionais são usados normalmente para reorganizar a linearidade do discurso, quando esta, por algum motivo, como insegurança, lapsos de memória, se perde momentaneamente, ou ainda para preencher vazios ou interrupções conseqüentes desta perda de linearidade.

Martelotta *et alii* destacam que os marcadores assumem diversas funções que estão relacionadas à reformulação da fala. Dentre estas podemos destacar:

- a) a marcação de hesitações ou reformulações;

- b) modalização do discurso, marcando insegurança ou não comprometimento do falante em relação ao que fala;
- c) a mudança na direção comunicativa, podendo manifestar uma concessão em relação ao que foi dito;
- d) a criação de espaços vazios (reticências);
- e) a retomada de um lado anterior para fazê-lo de tópico do que será dito em seguida;
- f) a introdução de informações de fundo;
- g) o preenchimento de vazios causados por pausas que ocorreram para calcular informações vindas posteriormente.

Parece ser comum entre os autores mencionados a idéia de que os marcadores conversacionais recobrem dois tipos de elementos:

- a) os que visam manter uma relação entre o falante, o ouvinte e o discurso, ou seja, preencher pausas, reorganizar o pensamento, sustentar o turno conversacional, manter a interação dialógica e a linearidade do discurso;
- b) e aqueles que pretendem dar coesão e coerência ao texto, ajudando no encadeamento das estruturas lingüísticas.

O estudo-piloto foi imprescindível para que reconhecêssemos peculiaridades do comportamento do verbo *‘esperar’*, servindo, portanto, como ponto de partida para o estudo sobre a variedade paulistana.

Com base nos resultados do estudo-piloto, agora elaboramos novas questões acerca da gramaticalização do verbo *‘esperar’*: qual a rota de gramaticalização do verbo *‘esperar’*? Os padrões inovadores estão incorporados pelo português culto de São Paulo em

situações formais? Para responder a essas questões iniciamos esta dissertação. Passaremos pela trajetória histórica do verbo, pela análise de dados reais do português de São Paulo e pela análise da rota de gramaticalização por meio da incursão lexicográfica.

CAPÍTULO IV

O VERBO ‘*ESPERAR*’ NO PORTUGUÊS CULTO DE SÃO PAULO

4.1 – PADRÕES FUNCIONAIS E REFERÊNCIAS NO PORTUGUÊS PAULISTANO

Esta seção é constituída pela reapresentação dos padrões funcionais, identificados a partir do dialeto carioca, (portanto, a forma aleatória da seqüência de itens), agora no português culto falado na cidade de São Paulo.

A) CATEGORIAS DE VERBO PLENO

a) *Esperar* 1: verbo pleno, parafraseável por *aguardar*, *torcer para*, *aguardar no tempo desejando que algo ocorra (mas pode não ocorrer)*. Admite sujeito de variadas pessoas gramaticais e complemento de caráter adverbial temporal.

(47) “L2: ah eu se / é é então ele fo /

L1: ele foi ele entrou por primeiro

[

L2: é o terceiro concur /

L1: é o primeiro con /

[

L2: é o terceiro concurso

L1: *espera* quatorze não acho que quinze anos” (NURC/SP, D2, 360, 869-874)

(48) “L2: ... que horas as crianças saem da escola?”

L1: eh :: umas saem umas cinco e meia *esperariam* as das seis

L2: ahn ahn

L1: então quer dizer que ... se fossem só os meus não teria problema é que eu levo ... ah ... ah filhas de ::: uma vizinha sabe? ... daria pra *esperar* um minutinho?” (NURC/SP, D2, 360, 1637-1648)

(49) “L2: ... agora dias que não tem aula ele pergunta e a resposta é negativa aí então ele diz para a irmã ... “levanta que hoje não tem aula podemos brincar” ((risos)) aí levam :: tam

[

L1: (ótimo)

L2: é tudo sem problema

L1: ahn

L2: *isso com cinco anos hein calcula o que que me espera mais tarde* ((risos)) (quer dizer o que espera por ele) ... que a alternativa que a gente dá para ele é se não quiser ir à escola então vai trabalhar ...” (NURC/SP, D2, 360, 343-352)

c) *Esperar* 3: verbo pleno, parafraseável por *aguardar no tempo por um evento que certamente ocorrerá*. Admite sujeito de variadas pessoas gramaticais e complemento [± humano].

(50) “Doc.: e dá muito trabalho pra fazer esses pratos? como é que prepara?”

Inf.: bom esses pratos não são mu :: ito trabalhosos ... agora se você souber :: ... preparar a massa em casa ... se você quiser prepará-la mesmo ... então o negócio é fazer a massa ... e :: ir colocando na assadeira ... e :: com camadas de recheio ... e quando estiver bem arrumadinha com um molho de tomate ... por cima assim :: intercalado também ... *você põe no forno ... e espe :: ra a vontade de comer* ...” (NURC/SP, DID, 235, 229-251)

(51) “L1: (...) mas não interessa eles estão com a potencialidade de arrebentar maior ... pô mesmo sem ser para matar ou não matar ...

L2: ahn ahn

L1: pacífica ou não ... e assim vai aumentando ...

L2: sim mas ... eu acho que na hora que ... se :: ... éh :: ... essa hipótese acontece ... a hora assim de ... uma destruição muito grande ...

L1: *você simplesmente espera um outro*” (NURC/SP, D2, 343, 1713-1722)

(52) “L2: existe uma faculdade interamericana aí que lançou ... dois ou três anos ... seriam ... cursos vagos ... entende né? ... agora o :: ... eu quando

[

L1: ()

L2: adentrei numa faculdade eu :: para mim foi uma decepção ... *eu esperava um negócio completamente diferente* ...” (NURC/SP, D2, 62, 374-380)

d) Esperar 4: verbo pleno, parafraseável por *desejar*, *expressão de uma volição*. Admite sujeito e complemento oracional. Assume função preponderantemente volitiva. Diferentemente do dialeto carioca, há aqui a predileção pela forma nominal do verbo, configurando uma oração reduzida de infinitivo.

(53) “L1: ... aquela fase ... chamada de ... mais difícil de crítica

[

L2: (chamada mais difícil)

L1: né?

L2: ahn ahn

L1: ainda não ... felizmente (ainda não) começaram

L2: ()

L1: agora ... eu acho que :: ... *eu ... espero não :: ter problema com elas* porque ... nós mantemos assim um diálogo bem aberto sabe?

L2: uhn uhn

L1: com as crianças ... então ... esperamos que não :: haja maiores problemas” (NURC/SP, D2, 360, 44-56)

(54) “L2: entende? quer dizer ... o que eu vejo :: ... na moça é que ela quer :: bastante títulos entende? ... o posto dela está no ... *ela está na mesma coisa ela ... não :: espera atingir mais nada ...*” (NURC/SP, D2, 62, 1256-1259)

(55) “L1: agora vai haver outro concurso ...

L2: nós estamos esperan /

[não há data

L2: não há data

L1: prevista

[

L2: *nós estamos esperando que haja ... uma uma maior brevidade possível*”

(NURC/SP, D2, 360, 461-469)

e) **Esperar 7** : Verbo pleno, parafraseável por *ter expectativa de obter*, com um complemento sem preposição (objeto direto) e um complemento sem preposição oracional.

(56) “Doc.: e que profissões? que profissões elas exercem? desculpe a pergunta foi mal feita. Que profissões exercem essas pessoas?

Inf.: essas profissões assim mais :: ... por exemplo balconista ... ou pessoas (o) que (eles) servem em restaurante entende? ... são essas profissões ... mais :: ... sem escolaridade que leva a isso né? que não exige da pessoa ... porque é uma coisa mais mecânica ... ela não tem que comunica :: r ... ela ... *então o pessoal inclusive não espera nada dela ... não espera espera só atos mecânicos* ... então é são essas profissões ...” (NURC/SP, DID, 251, 123-140)

B) CATEGORIA DE VERBO QUASE - AUXILIAR

f) **Esperar 5**: Verbo auxiliar, parafraseável por *torcer para, ter esperança*. Admite sujeito de variadas pessoas gramaticais e v1 e v2 compartilham um único sujeito.

(57) “Doc.: escuta ... e quando você tem problema dentário você escolhe um :: dentista com uma determinada especialidade ou qualquer um serve?

Inf.: eu ... pro / ... em geral a gente pro – cura um ... o dentista de quem a gente tem recomendação de :: recomendações de colegas ... ou de familiares ... o que seria o meu caso inclusive que freqüento um dentista há mais de quinze anos porque ... me foi recomendado por pessoas ... ora não entro num consultório dentário ... qualquer *às vezes eu prefiro até suportar um pouquinho de dor ... esperando (que) chegar o meu dentista ... do que entrar em qualquer clínica ...*” (NURC/SP, DID, 251, 214-225)

C) CATEGORIA DE MARCADOR CONVERSACIONAL

f) *Esperar* 8: marcador conversacional de interrupção com resquícios da categoria verbal ainda, que pode articular a conversa, sinalizar a mudança de turno ou codificar o estranhamento do falante frente a uma situação ou informação. O sujeito é fixado na 2ª pessoa do discurso e o uso do verbo como marcador se diferencia do uso do verbo no português popular carioca, surge, no português culto paulista, não a forma *perai*, e sim, as formas *espera* ou *espera aí*.

(58) “Inf.: em matéria de recurso técnico?

Doc.: tudo ... o recurso ... mesmo assim de ... no que diz respeito a estilo eh :: por aí afora

Inf.: então acho que :: o principal ... em matéria assim de espetáculo ... não só de teatro ... *pode ser um programa de televisão ... éh :: espé / por que novela de televisão faz sucesso?* ... porque ela tem personagens que :: você olhando na rua você vai encontrar ... com exceção do :: mocinho e da mocinha né? ...” (NURC/SP, DID,161, 375-378)

(59) “L1: (...) isso já fez já ... coisa (que) passada é coisa pública não tem ... Albertina :: ... Albertina :: ... professora Albertina (me esqueço de quê né) ...

L2: mas não foi essa que ele matou

L1: *esPEra*

L2: matou ou :: tra ... “(NURC/SP, D2, 396, 1195-1201)

(60) “L1: ahn ... pra ser procurador do Estado ... a profissão é específica não pode ser outra profissão nem assessoria nada nada ...

L2: *ah :: não tem ah toda parte eh praticamente toda a parte jurídica do Estado é feita ... não espera aí espera aí ((risos)) já estou exagerando não é toda a parte jurídica ...*” (NURC/SP, D2, 360, 499-504)

(61) “Doc.: que ... acho que a gente nós já conversamos bastante viu? Sobre vestuário parece

[

L1: só que ...

Doc.: que cobriu todo ((riu))

L2: *espera aí deixa eu (sentar) um pouco ...*” (NURC/SP, D2, 396, 2042-2046)

<i>PADRÕES FUNCIONAIS PORTUGUÊS CULTO PAULISTANO</i>		
<i>VERBO PLENO</i>	<i>VERBO AUXILIAR</i>	<i>MARCADOR CONVERSACIONAL</i>
ESPERAR 1	ESPERAR 5	ESPERAR 8
ESPERAR 3		
ESPERAR 4		
ESPERAR 7		

QUADRO VII: QUANTIFICAÇÃO DE PADRÕES - PORTUGUÊS PAULISTANO

Na proposta apresentada, a tarefa de delimitar funções é ainda norteadada por dificuldades. Pelo fato de poderem mudar de acordo com o contexto discursivo em que se encontram, muitas vezes é difícil decidir qual é exatamente a função de um elemento discursivo.

Propomos levar em consideração as semelhanças, os pontos afins de cada função considerando que estas, às vezes, se sobrepõem e acabam por se confundir, pois “a mesma ocorrência de um marcador pode desempenhar mais de uma das funções que lhes são peculiares” (MARTELOTTA, 1998, p.66).

Os resultados obtidos do verbo *'esperar'*, tanto no português popular carioca quanto no português culto paulista, apresentaram-se da seguinte forma:

PEUL	NURC/ IEA/ CAPH	PHPP
VERBO PLENO		
ESPERAR 1	ESPERAR 1	ESPERAR 1
ESPERAR 2	∅	∅
ESPERAR 3	ESPERAR 3	ESPERAR 3
ESPERAR 4	ESPERAR 4	ESPERAR 4
∅	ESPERAR 7	∅
QUASE-AUXILIAR		
ESPERAR 5	ESPERAR 5	∅
MARCADOR CONVERSACIONAL		
ESPERAR 6	∅	∅
∅	ESPERAR 8	ESPERAR 8

VIII - RESUMO COMPARATIVO DO VERBO ESPERAR NO PORTUGUÊS POPULAR CARIOCA E NO PORTUGUÊS CULTO PAULISTA

A leitura do quadro pode ser feita da seguinte forma:

o verbo *'esperar'*, como um verbo pleno, surge, tanto no português popular carioca quanto no português culto paulista, com o sentido de *aguardar*, admitindo sujeito de variadas pessoas gramaticais e complemento de caráter adverbial temporal;

como verbo pleno, parafraseável por *aguardar num local por alguém que certamente chegará*, incorporador de valor temporal e complemento de caráter locativo, surgirá apenas no português popular carioca;

parafraseável por *aguardar no tempo por um evento que certamente ocorrerá*, e admitindo sujeito de variadas pessoas gramaticais, com complemento mais ou menos humano, surge tanto no português popular carioca quanto no português culto paulista;

expressando volição, com sentido de *desejar*, com complemento oracional, também surge tanto no português popular carioca quanto no português culto paulista;

como verbo pleno, parafraseável por *ter expectativa de obter*, com um complemento sem preposição (objeto direto) e um complemento sem preposição oracional, ocorrerá somente no português culto paulista, somente nas amostra NURC/SP, IEA, CAPH.

ocorrerá, nos dois casos, exceto na amostra PHPP, como verbo quase-auxiliar, parafraseável por *torcer para, ter esperança*, com v1 e v2 compartilhando um único sujeito, tanto no português popular carioca quanto no português culto paulista;

como marcador conversacional, surge, tanto no português popular carioca quanto no português culto paulista. Foi percebida uma diferença muito significativa no uso do verbo *‘esperar’* como marcador, que, no português popular carioca surge com sua forma *perái*, e, no português culto paulista, surge ou como *espera*, ou como *espera aí*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de deslizamentos funcionais de itens/estruturas mais ou menos lexicais permite a apreensão de rotas de gramaticalização nas línguas. É a partir disso que, apoiando-nos em pressupostos teóricos do funcionalismo e da gramaticalização e investigamos os usos sincrônicos e diacrônicos do item '*esperar*' no português culto de São Paulo.

As mudanças ocorridas no estatuto categorial do verbo '*esperar*' – estatuto de verbo pleno > verbo quase - auxiliar > volitivo > marcador conversacional – foram foco de interesse para este estudo.

O entendimento do funcionamento do '*esperar*' na língua falada culta de São Paulo, se deu com mais clareza a partir de uma revisão bibliográfica criteriosa e de uma análise cuidadosa dos dados apresentados. Foi percebido um problema de nomenclatura nas leituras feitas a cerca do rótulo 'marcador discursivo', como também a cerca do fenômeno em estudo '*espera aí*'. Para tanto, foi adotada a nomenclatura de marcador conversacional utilizada durante toda a pesquisa.

Todos os autores mencionados, ou quase todos, denominam de marcadores discursivos, tanto elementos que têm funções textuais, como os que estão no âmbito da interação. Foi tomada como postura do autor deste trabalho, utilizar – se da nomenclatura marcador conversacional.

A cerca do funcionamento do elemento discursivo '*esperar – espera aí*', apontamos padrões funcionais que julgamos pertinentes ao nosso estudo, de acordo com os contextos em que a forma em análise se insere, encontrados nas amostras apresentadas.

O estudo-piloto apresentado, com um *corpus* carioca, é considerado pertinente, pois demonstra as mudanças ocorridas com o fenômeno em estudo, também em língua falada no português popular.

Mesmo sabendo que os limites para o estabelecimento de uma ou outra função não são estanques, acreditamos ser válido mostrar que, dependendo do contexto de fala o ‘*esperar – espera aí*’ é usado de forma diferenciada, de acordo com as necessidades dos falantes.

Pôde ser percebido que, falantes cultos também se utilizam de marcadores conversacionais, como ‘*espera aí*’. Visto também que, mulheres e homens jovens se utilizam de tal fenômeno com maior frequência.

Foi constatado que, o fenômeno em estudo, é muito pouco utilizado mesmo em sua forma de verbo pleno, ‘*espero*’, ‘*esperamos que*’. Levando-nos a hipotetizar que, tal fenômeno, por não ser muito freqüente, seja mais freqüente na língua falada dita popular ou na língua falada culta utilizada por jovens de uma maneira geral. Já que, falantes mais velhos utilizam – se mais de correlatos, como o ‘aguardar’.

A pesquisa nos leva a refletir que, o marcador conversacional ‘*espera aí*’ se caracteriza por possuir um escopo mais alargado nas funções de esclarecedor, explicativo, um articulador textual, retificador e até mesmo como um preenchedor de pausa.

A Teoria Funcionalista, defendendo que as línguas estão sempre em processo de mudança e que o seu funcionamento é moldado pelo uso, nos permite tratar a cerca de Gramaticalização.

O paradigma da gramaticalização nos leva a situar o fenômeno em estudo no seu caminho de mudança: em primeiro lugar com o verbo pleno ‘*esperar*’, depois como quase - auxiliar ‘*espero*’, em terceiro, já gramaticalizado, como verbo volitivo, ‘*espero sua volta*’ e por fim, como marcador conversacional ‘*espera aí*’.

A partir desse percurso de mudança apresentado, procuramos descrever o objeto investigado, levando em consideração os aspectos que caracterizam a gramaticalização. Tal paradigma nos ajudou a entender que, uma forma pode desempenhar várias funções, e que

estas, muitas vezes, podem se sobrepor, não havendo limites precisos entre uma e outra função.

Os fatos que foram descritos permitem-nos mostrar as condições trazidas por esta pesquisa, bem como nos questionarmos sobre os tópicos que necessitam ser mais aprofundados, possibilitando a abertura para futuros estudos.

Supomos que seja necessária a utilização de outras amostras para que sejam verificadas as formas de uso do fenômeno em estudo até mesmo em outros estados, excetuando São Paulo e Rio de Janeiro. Verificar, em uma análise mais detalhada, as formas que podem estar concorrendo com o '*espera aí*', a fim de descrever com mais precisão o processo de gramaticalização conjugado com a variação.

Do ponto de vista teórico, o paradigma da gramaticalização necessita ser mais explorado como percurso de mudança lingüística. Igualmente do ponto de vista prático, mais elementos lingüísticos precisam ser analisados, testando e sedimentando o aparato teórico envolvido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Lúcia C.V. O..Contribuição à gramática do português falado: estudo dos marcadores conversacionais *então, aí, daí*. Dissertação de Mestrado. PUC/SP, 1990.

ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O, Fávero, Leonor Lopes e AQUINO, Zilda, G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. Cortez. São Paulo, 1999.

BARROSO, P. H. O. (2008). *A interface entre Gramaticalização e Gêneros do Discurso: o verbo BUSCAR no Português brasileiro culto*. 123 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras – Filologia e Língua Portuguesa) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo, São Paulo-SP.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BERNARDO, Kelly Viviane. *Estruturas Serializadas no Português do Brasil: a gramaticalização de Vir e Virar e sua Identificação como Verbo Serial*. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - USP.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Dicionário. Coimbra: 1712-1728.

BYBEE, Joan e HOPPER, Paul. *Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure*. In: BYBEE, Joan e HOPPER, Paul (eds). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

CASTILHO, Ataliba de. *A gramaticalização*. Cadernos de Estudos lingüísticos e literários. Salvador: UFBA, 1997.

_____. *Para o estudo das unidades discursivas no português falado*. In: CASTILHO, A. (org). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de e PRETI, Dino (organizadores). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Projeto Norma Urbana Culta de São Paulo. *Elocuções formais*. Volume I. São Paulo, 1986.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de e PRETI, Dino (organizadores). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Projeto Norma Urbana Culta de São Paulo. *Diálogos entre dois informantes*. Volume II. São Paulo, 1986.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de e PRETI, Dino (organizadores). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Projeto Norma Urbana Culta de São Paulo. *Diálogos entre dois informantes*. Volume II. São Paulo, 1986.

CUNHA, Antônio Geraldo de. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

DIK, Simon. *The theory of functional grammar*. Functional Grammar Series, 9. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

_____. *Some principles of functional grammar*. In: R. DIRVEN e V. FRIED. (eds). *Functionalism in linguistics*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987.

DILLINGER, M. *Forma e função na lingüística*. D.E.L.T.A., v.7, n.1, 1991.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdã: John Benjamins, 1995.

_____. *English grammar: a functional based introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (organização). *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, H. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.

HALLIDAY, Michel. *An introduction to functionalismo grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HEINE, B. *et al. From cognition to grammar: evidence form African languages*. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991. (1991a)

_____. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: Chicago Press, 1991 (1991b).

HOPPER, Paul. *Emergent grammar*. Berkeley Linguistic Society, v. 13, 1987.

_____. *On some principles of grammaticization*. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia, 1991.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manuel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIMA – HERNANDES, Maria Célia; VICENTE, Renata Barbosa; SAMPAIO, Rogério Menale (orgs). Corpus PHPP. (Projeto de História do Português Paulista). *Entrevistas (Diálogos entre dois informantes; Elocuções formais)*. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2. ed. Lisboa – Portugal: Editora Confluência Ltda, 1967.

MARCUSCHI, L. A. *Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções*. In: CASTILHO, A. T. (org). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1989.

MARTELOTTA *et al.* *O paradigma da gramaticalização*. In: MARTELOTTA *et al* (org). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARTELOTTA, M. E. *Marcadores discursivos e operadores argumentativos*. In: VOTRE, S.; MARTELOTTA, M. E. (ORG). *Trajetórias de gramaticalização e discursivização*. Rio de Janeiro, 1998.

MEILLET, A.. *L' évolution des formes grammaticales*. In: A. MEILLT. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, [1912], 1965.

NEVES, Maria H. de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Guia de Usos do Português: confrontando regras e usos*. São Paulo: UNESP, 2003.

RISSE *et al.* *Marcadores discursivos: traços definidores*. In: KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1996.

SAID ALI, M. *Meios de expressão e alterações semânticas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, [1930], 1971.

SANTOS, Elaine C S. *Gramaticalização de verbos: o verbo esperar no português do Brasil*. Anais do 54º Seminário do GEL, p. 300. São Paulo, 2006.

SANTOS, A. B. *Gramaticalização do verbo tirar no português culto de São Paulo*. In: 15º SIICUSP. São Paulo, 2007.

SILVA, G. M. de O; MACEDO, A. T. de. *Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais*. In: MACEDO, A. T. de; RONCARATI, C; MOLLICA, M. C. (org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991.

TRAUGOTT, E. *The role of development of discourses markers in a theory of grammaticalization*. Department of linguistics, Stanford University: Manchester, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A gramaticalização dos verbos passar e deixar*. Revista da ABRALIN. Volume VI. Número I. Janeiro/Junho de 2007.

URBANO, Hudinilson e PRETI, Dino (organizadores). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Projeto Norma Culta de São Paulo. *Diálogos entre informantes e documentador*. Volume III. São Paulo, 1986.

URBANO, H. *Marcadores conversacionais*. In: PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. 3 ed. São Paulo: Humanitas Publicações, FFLCH/USP, 1997.

<http://www.usp.br/iea>

<http://www.ufrj.br/peul>

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)